

Rubens Murilo Marques

Ficha Técnica

Depoente: Rubens Murilo Marques

Perfil: Nascido em 19/03/1937, no Rio de Janeiro. Bacharelou-se em Física pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1960, tendo ingressado no ensino universitário em 1961, no Departamento de Estatística da Faculdade de Higiêne e Saúde Pública daquela universidade, onde, em 1965 tornou-se Livre Docente.

Em 1966 foi contratado como professor do curso médio da Faculdade de Medicina da Universidade de Campinas. Um ano depois foi designado, pelo reitor Zeferino Vaz, coordenador (mais tarde diretor) do Instituto de Matemática, função que implicava na implantação do Instituto, permanecendo no cargo até 1971.

Afastou-se das atividades exercidas na USP em 1968 com a finalidade de ser contratado como professor no Instituto de Matemática da Universidade de Campinas. Nessa universidade participou da Comissão de Normas para Concurso de Provimento de Cátedras e Docência Livre, da Comissão para Elaborar o Regimento do Centro de Processamento de Dados da Universidade de Campinas, da Comissão para Estudar a Inclusão do Curso Básico de Ciências da Universidade de Campinas e da Comissão Permanente do Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa. Também estruturou o currículo e propôs a criação do curso de Bacharelado em Estatística, presidiu a Câmara Curricular e foi o Coordenador de Curso Superior (1969/71 e 1972/75). Externamente foi assessor da FAPESP e Diretor Secretário da Fundação Carlos Chagas (CESCEM). Implantou o primeiro curso de Bacharelado em Ciências da Computação no Brasil, aqui na Unicamp. Em 1975 afastou-se temporariamente da Unicamp para exercer o cargo de Diretor Geral do Departamento de Estatística da Secretaria da Economia e Planejamento. Transferiu-se do Instituto de Matemática e Ciência da Computação para o Instituto de Economia da Unicamp em 1986 e aposentou-se em 08.08.1989.

Tipo de entrevista: depoimento

Entrevistador: Eloi José da Silva Lima

Data e local da entrevista: 25 de fevereiro de 1989, na residência do entrevistado

Duração:

Fitas cassetes: 2

Transcrição: Luciana Levantze

Conferência de transcrição e editoração: Vânia Regina Personeni de Miranda

Sumário: Formação universitária, início da vida profissional e ingresso na Unicamp (1965); os outros coordenadores de cursos; o novo conceito de universidade que se tentava implantar; a personalidade do professor Zeferino Vaz e sua maneira de agir e administrar, seu relacionamento com os professores e colaboradores; a política na universidade; os episódios envolvendo o professor Valverde: o primeiro computador da Unicamp, a construção do campus, a denúncia contra o professor Zeferino, etc.; a criação do Codetec, atual Estec; a prisão de alunos e professores da Unicamp e a visita feita por Zeferino Vaz; as primeiras comissões da universidade: Comissão de Ensino, Comissão de Tempo Integral e Câmara Curricular e as reuniões tumultuadas onde alguns preparavam o golpe contra Zeferino Vaz; a instalação dos Institutos Centrais; a inovação no ensino; a importância da administração universitária; a alocação de recursos financeiros; a burocracia e a estrutura hierárquica; o papel do intelectual na academia e na sociedade.

RMM - Rubens Murilo Marques

EL - Eloi José da Silva Lima

FITA 1: LADO A

EL: ... documentação, qualquer coisa que você queira entregar...ao Arquivo Central...

RMM: Sei... depois eu posso fazer um levantamento e ver o [inaudível] que eu tenho aí. Aí eu passo para vocês com prazer.

EL: E qualquer colaboração que você precise, no sentido de selecionar e tal, tem o pessoal lá do CIDIC¹, eles fazem esse tipo de trabalho. A idéia do CIDIC é realmente montar um arquivo histórico da Universidade. Já... O arquivo, parte não sei se tudo, mas uma parte... uma boa parte do arquivo do professor Zeferino já está lá, e do... professor Pinotti² também já, entregou imediatamente. O dele estava muito bem organizado. Ele não teve dificuldade de passar logo para mim... para a gente. Dr. Murilo, eu... o meu projeto... eu acabei entrando nessa coisa por causa da minha dissertação, não é...

RMM: Sei.

EL: ... mas eu não tenho ligação com o CIDIC. Então é mais uma ligação agora com esse projeto com o professor Ataliba...

RMM: Sei.

EL: ... que se interessou, dei a idéia para ele aproveitar que eu vou pegar o depoimento das pessoas, não é? Então... parti logo para um projeto mais ambicioso. Então, o professor Rubens Murilo Marques... nós estamos aqui na sua residência em 25 de fevereiro de 1989 para obter o seu depoimento a respeito de parte da história da Universidade da qual o senhor participou como... docente, pesquisador da área de estatística e teve um papel importante na criação do Instituto de Matemática, Estatística e Ciências da Computação. Então, para iniciar a nossa entrevista, eu gostaria que o senhor fizesse um breve resumo da sua formação acadêmica e da sua chegada à Universidade de Campinas.

¹ Centro de Informação e Difusão Cultural

² José Aristodemo Pinotti, reitor da Unicamp de 19.04.1982 - 18.04.1986

RMM: Bom... eu sou Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo e efetivamente em Física eu... a não ser quando estudante nos dois últimos anos, na minha graduação, eu trabalhei um pouco a nível de Física experimental no (Vandergraf) em São Paulo na época com o professor Oscar Sala... mas me encaminhei, mesmo na escolha das disciplinas optativas que nós tínhamos na época na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para escolhas de matérias na área de Matemática e Estatística... e aí comecei efetivamente a trabalhar na Universidade de São Paulo em Estatística e... foi aí que... ao final de 64, início de 65, eu concluí e fiz minha livre docência na Universidade de São Paulo e então tive o primeiro contato com o Professor Zeferino Vaz. Isto foi por volta de 1965. Quem me colocou em contato com ele foi o Professor Miguel Inácio Tobar que na época chefiava o Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina aqui da Unicamp. E eu fui conversar com o Dr. Zeferino e ele era um entusiasta da quantificação, do uso da matemática, da estatística. Ele, inclusive, não se cansava de repetir que ele entendia matemática como uma linguagem geral das Ciências e ele estava muito encantado com todo esse progresso e usava... era um usuário de técnicas e estatísticas na própria Faculdade de Medicina Veterinária, de onde ele era o originário, não é? E aí, ele me convidou para... integrar o quadro docente da Faculdade de Medicina na época para ministrar cursos na área de estatísticas e orientar e dar assessoria ao pessoal das várias teses e trabalhos que estavam sendo revisados na Faculdade. Foi assim que em 1965... e ele nessa época presidia a Comissão Organizadora da Universidade de Campinas... era ele, o Professor Antônio Augusto de Almeida e Paulo Gomes Romeu. A Unicamp... a Universidade de Campinas tinha existido, mas tinha passado por um processo de intervenção, de discussão, período meio complicado. E o Conselho Estadual de Educação havia designado-o para que ele presidisse essa Comissão Organizadora e ao mesmo tempo desse segmento à única das unidades instaladas que existia na época, que era a Faculdade de Medicina. Foi assim que em 1965 eu tive contato com ele. Tive uma longa entrevista, que eu me recordo muito bem, com ele num sábado, na Cidade Universitária, hábito esse que se prolongou por inúmeros anos, mesmo depois de nós estarmos aqui trabalhando. Todo sábado de manhã nós nos encontrávamos lá na Cidade Universitária, na sala dele, de uma maneira mais informal, mais descontraída. Então a gente analisava as coisas... como iam andando os projetos da Universidade. Esse foi o meu primeiro contato com ele; foi feito esse convite, eu aceitei e comecei então... me vinculei à Universidade, no caso especificamente à Faculdade de Medicina que era a única unidade que existia. A partir daí... em 1966 foi formalmente criada a Universidade e ele me convidou então na época para ser o Coordenador do Instituto de Matemática. Chamava-se na época Instituto Central de Matemática. A Universidade havia sido estruturada inicialmente com alguns Institutos Centrais e a... incorporava a Faculdade de Medicina que já existia e criava a Faculdade de Engenharia de Campinas. Esse modelo de Institutos Centrais ele trazia da experiência que tinha tido em Brasília. Ele havia sido Reitor da UnB, não é? E... até essa nomenclatura e o modelo inicial da Universidade... foi conceituado em função da experiência

que ele havia vivido há pouco na UnB. Então, existia um Instituto Central de Química que na época era coordenado pelo Professor Giuseppe Cilento; o de Biologia, pelo Professor Walter August Hadler; o de Física, pelo Professor Marcelo Damy de Souza Santos e o da Matemática que ele havia me convidado para coordenar. Esse foi o início da Universidade. A Faculdade de Medicina, na época era dirigida pelo Professor Almeida mesmo, e a Faculdade de Engenharia de Campinas que havia sido instalada e... eu não sei se inicialmente já era o Professor José Fonseca Valverde, ou não, no início... não me lembro... aliás...

EL: Era.

RMM: Já era ele mesmo? É, pessoa sobre a qual depois nós iremos até conversar em função de vários episódios muito significativos ocorridos na Universidade, quando ele estava à testa da Faculdade de Engenharia, porque, entre outros atributos, ele tinha o de ser militar. Ele era general e isto trouxe complicações muito grandes numa época muito conturbada, mil novecentos e sessenta e oito, depois da edição do AI-5. Mais adiante a gente vai ter a oportunidade de comentar um pouco mais isso... deu muito trabalho ao Zeferino e à Universidade, não é? Realmente muito trabalho até as coisas se assentarem. Então esse foi o meu contato inicial e os meus primeiros passos dentro da Universidade. Eu tinha na época vinte e oito anos, o Zeferino estava muito entusiasmado com toda a parte... de quantificação na ciência, a utilização da Matemática e da Estatística e esteve efetivamente durante todo tempo dando todo o apoio ao desenvolvimento e à implantação de novos cursos e atividades nessa área.

EL: Certo... Então eu vou iniciar aqui o meu roteiro de perguntas perguntando inicialmente, Professor Rubens... o senhor fazer uma exposição de quais eram as suas idéias e expectativas sobre o que deveria ser a Unicamp por ocasião da sua criação. Eu gostaria que o senhor falasse inclusive dos aspectos filosóficos quanto às finalidades da Instituição e do seu papel na sociedade nacional.

RMM: Bem... dessas conversas tidas com o Reitor Zeferino Vaz, todo esse grupo, que era um grupo pequeno e muito coeso inicialmente... nós discutíamos muito sobre que papel a Universidade deveria desempenhar em sendo uma Universidade... inclusive localizada, até fisicamente, muito próxima a uma outra instituição como a Universidade de São Paulo... a fim de que com a experiência de que... que cada um de nós tinha de ter sido docente, vivido durante inúmeros anos na Universidade de São Paulo, tentar não cair nos mesmos problemas, ter as mesmas dificuldades e tentar ter uma Universidade que pudesse estar, sobretudo, mais próxima à comunidade a nível de prestação de serviços e a nível de fazer alguma coisa que a sociedade pudesse se beneficiar de uma maneira mais próxima. Claro que qualquer Universidade, ela produz a sua produção intelectual, científica, tecnológica. Ela acaba, a médio ou a mais longo prazo, tendo o seu retorno à sociedade. Mas a nossa preocupação era... podermos definir alguma coisa que pudesse mais

rapidamente, não é? Fazer com que isso revertesse em prol da sociedade e tentar não duplicar, não fazer na Unicamp as mesmas coisas que já haviam ou que estavam sendo feitas em outras instituições a exceções, evidentemente, de algumas graduações que são fundamentais e que você tem que fazer em São Paulo, Campinas ou eventualmente até em outros locais. Então imaginava-se: esse modelo inicial de Universidade, numa primeira diretriz, era de que não houvesse a duplicação de departamentos que tivessem... objetivos, finalidades comuns. Então, evitar-se o erro, que era a experiência que nós tínhamos na Universidade de São Paulo, aonde existiam, por exemplo, Departamentos... de Anatomia Patológica na Faculdade de Medicina, no Instituto tal em vários lugares; Departamento de Matemática ou... duplicados em vários locais. Por isto, imaginou-se que essa estrutura de Institutos Centrais poderia prover a comunidade acadêmica com cursos e com suporte... independentemente de onde existisse, mas com uma orientação mais centralizada; esse modelo era um modelo que estava sendo vivido na época pela UnB³ e que estava tendo muito sucesso. Então, isso foi num certo sentido... copiado. Por outro lado a nível da graduação... da formação dos alunos da Universidade, imaginou-se desde logo, que também deveríamos partir para um esquema mais flexível, mais... que permitisse ao aluno ter uma formação básica dentro da sua área de conhecimento e depois de acordo com suas aptidões, dos seus interesses, isso pudesse ser complementado em vários outros Institutos ou Faculdades. Isto implicava numa reestruturação total daquilo que cada um de nós vivia na Universidade da qual provinha, porque isso implicava em estruturar-se cursos... com regimes semestrais, matrículas por créditos, coisa desse tipo. Coisa que nós passamos a fazer efetivamente a partir de 1967, 68, se eu não me engano, quando instituiu-se a Câmara Curricular da Universidade, não é? Que aliás foi até uma proposta minha e eu acabei presidindo a Câmara e montando todo esse esquema de matrícula por disciplina, por crédito, uma estrutura um pouco diferente daquela que se tinha na Universidade. Esta orientação evidentemente encontrou dificuldades. Era... havia dificuldades de toda a natureza. Para começar não tinha sequer uma sede, não tinha um local. A Universidade começava a funcionar muito precariamente nesta época, em 1965, na Orozimbo Maia, a Comissão Organizadora trabalhava ali no prédio da Maternidade. Depois passou-se à rua Culto à Ciência, onde hoje é o atual Colégio Técnico. Então eram instalações muito modestas, coisas que, em absoluto, não nos preocupava. Nenhum de nós estava no momento vinculado em tempo integral à Universidade. Nós vínhamos aqui duas ou três vezes por semana e começamos a montar as equipes, a contratar os professores. Algumas áreas com um pouco mais de dificuldades, outras um pouco... aproveitando... por exemplo, eu me lembro que o Instituto de Física reaproveitou vários docentes do curso de Física da Faculdade de Filosofia de Rio Claro, que havia sido integrada à Universidade e havia um curso de Física que passou a ser ministrado em Campinas. Então esses docentes foram transferidos. Nesta época o Zeferino adotou uma política bastante agressiva para trazer os docentes dando um estímulo, inclusive do

³ Universidade de Brasília

ponto de vista financeiro, no sentido que o indivíduo era contratado para a Universidade com uma remuneração correspondente a uma titulação acima daquela que efetivamente ele tinha como uma forma de estímulo para o indivíduo vir para cá, inclusive sujeitar às condições iniciais que são muito difíceis, pois você não tinha equipamento, não tinha laboratório, você não tinha sala de aula, não tinha nada. Realmente a Universidade foi feita... foi sendo edificada lentamente, então, que mais que tinha, que a gente... acabei me perdendo aí...

EL: Sobre... está falando sobre as idéias... de se erguer a Universidade e o senhor já falou bastante e teria alguma coisa mais para acrescentar sobre a filosofia...

RMM: Ah, sim! E outra coisa que seria bom destacar, porque acabou não se cumprindo, é que... nós imaginávamos dimensionar a Universidade e projetá-la, inclusive até no seu projeto físico mais adiante, para não ser uma Universidade efetivamente muito grande, porque nós tínhamos consciência de que as dificuldades e os problemas não cresciam linearmente com o número de alunos ou de professores, mas a partir de um certo ponto isso cresce segundo uma lei... talvez exponencial, cresce muito rapidamente. Então gerir, administrar uma Universidade muito grande traria problemas realmente muito difíceis, além daqueles que se teve inicialmente, a nível político, de implantar uma Universidade nova, com obviamente todo o descrédito, incredulidade digamos - talvez seja melhor - com dificuldades, tanto do ponto de vista financeiro; e políticas, também. Fazer isso numa cidade no interior do estado à 100 Km de São Paulo. E... o que norteou inicialmente a Universidade foi exatamente esse... O Zeferino com a sua experiência de pesquisador queria aqui estimular realmente o desenvolvimento da pesquisa. Achava que o fundamental era a produção científica original, que isso é que viria a dar renome e o peso à instituição. Então ele procurou inclusive trazer, ao longo dos anos... depois a Universidade começou a trazer, inclusive vários brasileiros, que tinham ido para o exterior em função da Revolução de 64 e que tinham se afastado. Na medida das possibilidades financeiras da universidade, técnicas, e também políticas da Universidade, vários desses pesquisadores de renome internacional retornaram ao país e foram para Unicamp. Houve um trabalho muito intenso de localizar essas pessoas e atraí-las para a Universidade. Então, eu diria que o modelo adotado foi esse de, inicialmente, implantar os Institutos Básicos e a partir daí então essas coisas irradiariam. Criar-se-ia a nível de ensino um Ciclo Básico onde todos os alunos teriam uma formação comum, isso depois edificou-se que seria... que... não daria muito certo... mas... no início da Universidade, o primeiro vestibular, inclusive ele foi feito... a admissão era para o curso básico da Universidade e haveria depois uma segunda seleção com opções específicas. Evidentemente em função de todas tradições culturais nossas, esse processo é muito... muito difícil. O pessoal que escolhia, por exemplo, a área de exatas depois... todo mundo queria ir para

Engenharia. Então a graduação em matemática ou as outras graduações que havíamos aberto... acabava não tendo alunos e criava dificuldades também, até por planejamento, para fazer as coisas.

EL: Certo... e tem vários pontos aí que você tocou que a gente vai retornar, todas... as perguntas vão remeter... talvez da parte política parece que está bem com vontade de falar. Antes... a minha segunda questão é com relação à isto que eu estou chamando de período de fundação da Universidade. Eu estou encarando a gestão do Professor Zeferino Vaz como... uma etapa única e homogênea na história da Universidade, você concorda?

RMM: Eu concordo... e há que se entender um pouco a personalidade do Zeferino, quer dizer, é uma pessoa extremamente brilhante, competente, com um passado de pesquisador de méritos inegáveis, extremamente centralizador... mas tinha uma qualidade, que eu achava que era muito importante: ele sabia ouvir. Ele poderia não concordar contigo e dizer: “Eu não vou fazer nada disso”, mas ele ouvia e ele tinha as idéias próprias dele, estava sempre aberto, era muito jovem nesses aspectos. Era um menino aberto a novas... coisas da Universidade e de uma maneira assim surpreendente. Ele não estava, nem pela idade, nem pelo tempo de serviço dele, pelas ligações dele com a Universidade, bitolado. Ele estava sempre aberto a considerar e a estudar a viabilidade de fazer novas coisas. Interessava muito a ele que essa alguma coisa tivesse um horizonte maior, quer dizer, que essas coisas pudessem ir longe. Tanto que você vai ver depois que a Universidade inovou em vários aspectos a nível de criação de cursos inexistentes no nosso meio, tipo tecnologia de alimentos, computação, estatística, que eram coisas que na época foram os primeiros cursos instalados no país, sem... e vários deles, inclusive, sem que se dispusesse na época até de pessoal qualificado para tocar as coisas. A gente tinha que começar, ir capacitando as pessoas, numa experiência assim, muito dinâmica. Eu acho que esse período foi um período único e por isso o Zeferino... ele gostava, estava realmente a par de tudo que se fazia na Universidade. Ele era capaz de discutir contigo e te dar detalhes dos projetos que estavam sendo levados adiante na Química Orgânica, na Parasitologia, na Computação, na Física. Ele sabia de tudo porque realmente tudo passava pela mão dele. Isso a partir de um certo ponto, até um certo momento, quando a Universidade começou a criar dificuldades e conflitos até muitos sérios.

EL: Por causa dessa centralização?

RMM: Por causa dessa centralização... e... algumas das tentativas que foram feitas para derrubá-lo tinham, inclusive como um suporte, como bandeira, digamos assim, essa tentativa de descentralizar a tomada de decisão e poder na Universidade. Mas eu pessoalmente acho que este modelo no início da instituição foi extremamente adequado. Porque, se não fosse assim, eu acho que o negócio não ia para frente, entendeu? É minha opinião, mas seguramente haverá muita gente [risos], discordando disso, entendeu? Mas eu estou

absolutamente convicto de que era uma coisa necessária. Ele era uma pessoa determinada, está certo?; e metia um negócio na cabeça e não havia cristão que tirasse isso da cabeça dele; e ele ia buscar e cavar as coisas. Eu me lembro muito bem de um episódio, só para citar isso aqui, que ele reivindicava algum recurso junto à Secretaria da Fazenda e foi discutir com o pessoal, e o sujeito lá... chegou o Tex: "Não, então Reitor, vamos fazer o seguinte, nesses prédios aqui nós vamos ter que cortar uma coisa ou outra, vamos cortar aqui o prédio da Reitoria e fazemos os outros". Ele disse: "não, da Reitoria..."⁴ "Vamos cortar um prédio aqui e fazemos os outros"; ele disse: "Não, então corte o da Reitoria". Disse: "Mas vamos cortar o seu prédio?" Ele disse: "Não, meu prédio não tem importância, o Reitor exerce a atividade no meio da Universidade. Eu não preciso de prédio, em qualquer lugar eu trabalho, está bom". Conclusão, ele conseguiu a verba toda. Por que ele? Era muito... o primeiro computador que ele comprou na Universidade, eu me lembro muito bem, depois eu vou entrar em detalhes nisso, no dia que ele assinou o contrato, eu disse: "Bom, então o senhor conseguiu o dinheiro, Dr. Zeferino". Ele disse: "Não, agora é que eu vou conseguir o dinheiro". Então ele era um indivíduo atirado e por conta disto ele tinha um respaldo também, acho que, para centralizar as coisas e assumir. Agora ele também assumia a responsabilidade integral das coisas, quer dizer, ele entendia... por exemplo, a Universidade era dele naquele início, era a criação dele, era o filho dele e ele cuidava daquilo. Isto também, se por um lado pode ter tido rumos... algum defeito, algumas dificuldades, houve algumas vantagens até muito grandes a nível político, porque a gente vai ver mais adiante que as várias tentativas de intervenção dentro da Universidade e inclusive de... prisão de pessoas ou coisa desse tipo foram evitadas por conta do Zeferino; dele assumir a integral responsabilidade pela Universidade. É celebre o comentário dele dizendo que os comunistas que tinham na Universidade eram muito... que o pessoal cuidasse da coisa que ele cuidava dos comunistas dentro da Universidade, que ninguém ia fazer nada, o pessoal era extremamente dedicado, sério e não estava lá para fazer baderna e que não havia com o que se preocupar, que da Universidade cuidava ele e não era necessário que o SNI ou qualquer outro órgão fosse intervir. Então isto... esse poder centralizador realmente eu acho que tem esse aspecto... duplo realmente. Houve, seguramente, algumas desvantagens nisso, a partir de um certo ponto, mas eu acho que era necessário. Eu acho que era um período único, entendeu? Eu acho que...

EL: Então esse modelo... na sua visão, esse modelo centralizador era um modelo adequado; e eu lhe perguntaria inclusive, a época... existia alguma correspondência entre a situação política Nacional e esse papel centralizador que o Professor Zeferino desempenhava? Ou não? Ou foi uma mera coincidência?

RMM: Olha, eu não sei. Eu acho que... eu acho que foi uma mera coincidência. Eu acho que é muito da personalidade dele. Ele era isto! Entendeu? Realmente ele era esse indivíduo centralizador, ele queria estar a

⁴O entrevistado atrapalha-se um pouco na dissertação dos acontecimentos, que são esclarecidos em seguida.

par de todas as coisas. Se desdobrava para isto, mas não acho que tenha sido nada delegado a ele ou alguma coisa...

EL: Alguma coisa premeditada.

RMM: Premeditada.

EL: Não compartilha de uma opinião que... algumas pessoas tem e tentam provar de que o projeto da Unicamp foi um projeto concebido... junto... do Zeferino junto com o Regime Militar no sentido de criar uma situação que se pudesse tirar dos cientistas aquilo que eles tinham para oferecer para o regime... mas de uma forma que pudessem controlá-los para que eles não criassem problemas políticos.

RMM: Não, eu acho isso uma coisa muito elaborada, sabe?[risos] Você deixou a coisa muito elaborada. Não. É uma hipótese inteligente até. Eu respeito até a hipótese, acho que é uma questão extremamente interessante como objeto de curiosidade, mas eu acho que... está certo... isto daí talvez a gente esteja superestimando muito o outro lado da Universidade... eu acho que não. Acho que seria uma visão muito avançada para a época. As pessoas, me parecem, naquela época jogavam muito mais no curto prazo, as coisas mais do dia-a-dia e não teriam uma visão como esta, e se... e além do que o Zeferino seguramente eu acho que não. Ele não se sujeitaria a uma coisa explicitamente colocada assim. Acho a hipótese interessante [risos] mas não compartilho definitivamente dela, não.

EL: Professor Rubens, em relação ao professor Zeferino, em primeiro lugar, e em segundo lugar em relação a outros membros da alta administração da Unicamp, com quem o senhor conviveu nessa época? Quais eram os seus vínculos filosóficos, ideológicos e políticos?

RMM: Olha, como um todo eu diria à você que ideologicamente não existia, pelo menos em relação à esse grupo inicial. Eu acho que o nível de politização das pessoas, nesse nível inicial era realmente baixo. Eram pessoas que estavam mais interessadas nos seus projetos específicos. Exemplo: o Professor Cilento⁵ que é um químico de renome internacional, percebe?; o Professor Damy⁶, que é um pouco diferente, ele teve inclusive uma participação na administração pública, como Diretor do Instituto de... Comissão Nacional de Energia Nuclear, então ele tinha uma vivência política maior. Neste momento inicial da Universidade não havia nada que nos unisse a nível ideológico. Eu acho que existiam aí pessoas mais esquerda e também aqueles bem mais à direita. Não havia nada incomum em relação à isso não.

⁵Giuseppe Cilento, químico, ex diretor do Instituto de Química.

⁶Marcelo Dammy de Souza Santos, físico, ex diretor do Instituto de Física

EL: Então o senhor não faria distinção dentro desse grupo, não é?

RMM: Não, existia seguramente as distinções. Eu acho que você tinha posições extremamente nacionalistas, por exemplo, no Marcelo Damy e você tinha indivíduos bem mais reacionários como o Valverde⁷... mas... não eram pessoas que viam o mundo da mesma maneira, entendeu? Mas, depois um pouco mais adiante, então você tem uma participação política maior, com pessoas de mais expressão do ponto... posição política como o Professor Fausto Castilho que depois veio para coordenar a implantação inicial do Departamento do DEPEs, Departamento de Estudos e Pesquisas Econômicas que foi o embrião do... Instituto... do IFCH e depois se desmembrou no Instituto de Economia. E aí, também, exatamente, o Professor Fausto Castilho evidentemente com uma postura, uma posição ideológica bem mais nítida; isto depois, inclusive, teve outros desmembramentos... maiores aí.

EL: O seu vínculo pessoal com o Professor Zeferino, assim do ponto de vista então filosófico, estava centrado no que exatamente, na sua admira... O senhor já falou, não é?

RMM: No reconhecimento pelo entusiasmo. Eu acho que ele... e uma coisa que me chamou muito... Primeiro, evidentemente pelo fato dele prestigiar a Matemática e a Estatística e achar que isto era uma coisa importante a ser feita dentro da Universidade. O que já não é uma coisa muito usual se você pegar pessoas da área biológica. Esse tipo de coisa. Segundo, porque nessa convivência que eu passei a ter com ele eu senti realmente um indivíduo entusiasmado, quer dizer, um indivíduo que realmente estava pondo tudo que ele tinha para tentar construir aquela Universidade e... eu era muito moço à época, eu sentia assim que o Zeferino tinha um carinho muito especial [riso] comigo, sabe? assim... que ele me... me queria muito bem, entendeu?; e tivemos brigas, discussões realmente muito sérias, depois eu vou até relatar uma delas que caracteriza muito bem a personalidade dele. Nós tivemos discussão, tínhamos pontos de vista realmente muito diversos em algumas coisas do dia-a-dia da Universidade, mas no geral, no tocar a Universidade, no projeto que ela se propunha, eu acho que a gente se entendia bem, entendeu? Esse grupo inicial não havia, assim, maior... de pontos ideológicos, maior identificação entre as pessoas...

EL: Professor Rubens e quais eram as crenças, vamos dizer assim, que no seu entender foram vitais para a construção da Universidade, ou seja, algo... os postulados filosóficos que o... congregaram essas pessoas no sentido da construção... quer dizer, eu estou supondo que isso existiu.

⁷ José Fonseca Valverde, ex diretor da Faculdade de Engenharia de Campinas, composta pelos Departamentos de Engenharia Química, Engenharia Mecânica e Engenharia Elétrica.

RMM: Claro... eu acho que... bom, primeiro... em primeiro lugar... Nesse início de Universidade... nesse início... eu estou caracterizando início talvez dois, três anos iniciais, as pessoas que iam para a Universidade, o Zeferino fazia questão de conversar com elas, entrevistá-las, digamos assim, e ele transmitia, sempre um pouco desse seu entusiasmo desse projeto de Universidade, de fazer um modelo novo, em que as coisas não estavam ainda definidas, mas que as pessoas teriam a possibilidade de participar na definição e na construção da coisas. Então eu acho que isso foi uma coisa atraente para as pessoas, entendeu? Eu vou para um lugar... as coisas não estão prontas lá, eu sou um indivíduo a mais contratado para desenvolver um projeto, uma pesquisa, ou seja lá o que for, mas eu tenho a possibilidade de participar do projeto de criação de uma instituição, a nível global, da Universidade, ao nível local do Instituto, de uma Faculdade, da definição de programas de currículos. Porque você não tinha nada, você tinha que definir os currículos, tinha que definir o ensino, tinha que definir as linhas de pesquisa que seriam prioritárias e essas coisas tinham que ser feitas, evidentemente, quando as pessoas estavam indo para lá. Então elas tinham possibilidade de participar desse processo e... evidentemente de... e todas elas com um certo passado... com uma certa experiência, esse grupo não era um grupo inexperiente que estava indo para a Universidade. Então, tentando evitar as dificuldades e os erros das outras instituições de onde eles vinham, aqui ou fora até. Então, eu acho que isso atraiu muito as pessoas, e... eu acho que isto era... talvez fosse uma coisa simples de ser colocada, mas talvez fosse uma coisa determinante realmente, sabe? As pessoas poderem participar desse processo de decisão, de discutir, ver a melhor forma de implantar e o que fazer... num modelo novo de Universidade.

EL: Certo... então, acho que... a crença que o senhor identificou bastante é essa questão da possibilidade dessas pessoas que vieram convidadas pelo Professor Zeferino, delas participarem do processo decisório e até com um espaço bastante amplo de criatividade em termos de criar esta Instituição.

RMM: Exatamente, o Zeferino dava a essas pessoas a liberdade... total. Para criar, para participar, quer dizer, evidentemente a única coisa que ele não ia abrir mão e que na hora que tentaram mexer começou a dar problema, era o lugar dele: o posto [risos] dele de Reitor, de comandante. Agora o resto, meu amigo, tudo bem. Estou apto a sentar, discutir, a fazer, avaliar, a mexer, a mudar, seja lá o que for, entendeu? E ele era muito seguro das coisas dele, da posição dele. Você vai ver que depois, durante vários governos, ele entrou, ele continuou na Universidade até com Governadores totalmente adversos a ele no início e durante o tempo ele conquistou até a simpatia dos indivíduos desses Governadores e foi até homenageado, elogiado. Ele tinha muita habilidade... O Professor Zeferino era uma pessoa extremamente hábil, mas ele dava, ele transmitia essa possibilidade. Jamais, ele interferiu no seu... por exemplo, no Instituto de Matemática, nas contratações que eu queria fazer ou não fazer, inclusive. Várias vezes pessoas sugerem pessoas e você avalia, e diz: “Olha, não convém, por isso, por aquilo nesse determinado momento, tal linha não é prioritária” e

nunca houve uma pressão dele de dizer contrate fulano de tal ou não contrate fulano de tal. Eu acho que ele tinha nítido e ele delegava a você essa responsabilidade e o problema era teu depois também. Ele não queria evidentemente... ele tinha condições de te cobrar isso depois... Então essa liberdade eu acho que... era o que entusiasmava as pessoas, porque era uma época muito difícil, não é? Era uma época em que... não havia muito espaço para coisas novas, para novas experiências, a coisa estava meio cristalizada, então uma perspectiva de tentar mudar alguma coisa. Eu acho que começou a atrair por aí.

EL: Professor Rubens, qual foi a sua participação e as suas principais contribuições na criação e na implantação da Unicamp?

RMM: Bom... ao ir para o Instituto... montar o Instituto [pausa breve] precisava ser definida uma linha de trabalho. Quer dizer, o que é que nós iríamos fazer... dentro da Matemática, e a opção foi tentar sair por dois caminhos... em que a tendência um pouco a essa... ligação da Universidade com a sociedade mais concretamente, no campo da Matemática. Então eu propus ao Zeferino em 1967, a criação do Curso de Estatística que foi o primeiro bacharelado em Estatística que a gente teve aqui em São Paulo. Existia só um, outro no Rio, que era mantido pelo IBGE que era pela Escola Nacional de Ciências e Estatísticas do Rio, que era um curso cuja formação era muito mais voltada para um certo tipo de profissional que o IBGE tinha necessidade. E a gente queria abrir um pouco mais isto, no fundo decorrente até de uma sugestão que havia sido feita alguns anos atrás pelo Professor Diazeneiman da Universidade da Califórnia, quando ele esteve no Brasil. Ele esteve na Universidade de São Paulo e propôs a criação do Instituto de Estatística. O Reitor era o Professor Ulhôa Cintra, que a despeito até do interesse, do entusiasmo do Professor Ulhôa Cintra sobre isso, acabou não se concretizando essa criação desse curso de Estatística. Então o Professor Diazeneiman é um dos fundadores, digamos assim, de alguns ramos da estatística... Então... A criação do bacharelado em Estatística objetivava fazer isso, foi uma proposta. Um pouco mais adiante, não é?; e esse episódio mostra muito claramente o modelo de decisão do Zeferino e eu fui propor a ele a criação de um curso de bacharelado em Ciência da Computação. Isso não existia no nosso meio, não existia no Brasil. Eu fui procurá-lo - eu me lembro num sábado - disse "Olha Dr. Zeferino eu estive pensando e eu acho que talvez precise formar um profissional na área de computação porque isso não existe em nosso meio". E nós tínhamos comprado um computador, primeiro computador da IBM que era um 1130 - até que para muito contra-gosto meu e essa foi uma das brigas que eu tive com ele e eu vou relatar - havia ficado na Faculdade de Engenharia, um modelo totalmente inadequado. Então eu propus a criação de um curso de computação a ele e dei algumas informações...tipo "Puxa, ótimo, estou de acordo, me apresenta um projeto daqui a dois dias porque tem uma reunião do Conselho Estadual de Educação e eu quero aproveitar porque vai ser a última reunião do ano" enfim havia uma certa limitação de tempo e reuniu um grupo de poucos especialistas

que existiam: Professor Imre Simon, hoje em dia vice-diretor do Instituto de Matemática da USP, o Professor Waldemar Setis, é diretor do Departamento de Matemática Aplicada da USP, Tomasz Kowaltowski, que hoje em dia está na Unicamp, chefiou a pouco tempo o Departamento da Computação, Cláudio Lukeš, hoje em dia está também na Unicamp, nos reunimos e elaboramos um projeto de currículo com de um curso de quatro anos de Ciências da Computação. Imagine você em dois, três dias trabalhando, aí de virada, inclusive sem termos maiores experiência nisso, nenhum de nós tinha... quer dizer, conhecíamos, líamos, tínhamos contato, conhecíamos, éramos do campo, mas elaboramos um projeto, mesmo porque a idéia era de que se precisasse ser mudado a gente muda, não adianta querer uma coisa acabada... vamos começar. Levamos para o Professor Zeferino, ele levou e em uma semana estava aprovada a criação do curso de Computação e a partir daí precisava implantar, nesse meio tempo até conseguimos um apoio muito decisivo e importante para Universidade dada pelo Professor Alberto Carvalho da Silva, que era o Presidente da FAPESP na época, e ele era muito meu amigo. Eu fui conversar com o Alberto: “Olha Alberto, preciso muito do seu apoio para conseguir aí quatro bolsas de estudos imediatamente para eu mandar quatro pessoas para fora para se treinar, fazer um Doutorado em Computação, porque nós não temos especialista no nosso meio e nós estamos, acabamos de criar um curso desses. E conseguimos o apoio da FAPESP, mandamos duas pessoas para o Canadá e duas para os Estados Unidos e foram os primeiros doutorados que nós tivemos aí em Ciência da Computação. Então o Zeferino decidiu isso assim... coisa de uma semana, a implantação do curso. Eu acho que esta foi uma contribuição que eu julgo ter sido importante porque a gente se antecipou e realmente você veja que hoje em dia ele é um curso da maior relevância. Isto na área específica da Matemática, aí eu evidentemente comecei a me envolver um pouco com a Administração da Universidade, participar de várias comissões que isso é normal na vida de um diretor de Instituto, de Faculdade, que acaba participando. Mas eu acho que a contribuição maior que eu pude dar foi na implantação da Câmara Curricular da Universidade, na implantação de todo o sistema de matrícula por disciplinas, o desenvolvimento de todo o sistema de computação para apurar isso, para matrícula, para fazer a matrícula que hoje em dia evidentemente, está muito desenvolvido. Mas isso nós fizemos em 1968, quer dizer, a vinte e tantos anos atrás, com um modesto computador 1130, que nos deixava na mão, que a gente tinha que dar viradas aí de noites, para na época de matrícula... e... eu acho que a contribuição se estendeu ao estruturar o Instituto, a montá-lo, eu acho que foi o que me competia formalmente fazer e espero ter me incumbido de alguma maneira.

EL: Esse episódio do computador, podia aproveitar para falar...

RMM: Esse episódio do computador é muito engraçado. Primeiro que o computador foi comprado sem dinheiro. Como já havia te dito, depois ele foi arranjar o dinheiro. E nesta época, isso foi em 1967, o

computador estava para chegar e estava mais ou menos definido que ele ficaria no Instituto de Matemática, que seria o lugar mais adequado para ele e eu fui viajar. Eu fui para Chicago e fiquei um ou dois meses trabalhando na Universidade de Chicago e quando voltei o computador estava na Escola de Engenharia. Bom, porque o General Valverde havia pressionado - com a sua autoridade de... Diretor da Faculdade de Engenharia e o título de General - muito a Reitoria, inclusive colocando que a administração do computador era um problema de Segurança Nacional. Por aí você vê na época ainda o mito que cercava esse negócio. Por que computador naquela época era uma coisa complicada, as pessoas para trabalhar no computador precisavam quase de um atestado de...

FITA 1: LADO B

RMM: Ficava lá sob a responsabilidade da Faculdade de Engenharia. Disse: “Dr. Zeferino, isso não tem o menor cabimento...” “Não, mas... vai ficar na Engenharia...” eu digo: “Olha, eu não vou brigar com o senhor agora... isso está errado, certo... e o senhor vai se arrepender disso um dia. Um dia nós vamos voltar a conversar, porque agora eu estou vendo que não tenho argumentos para lhe convencer, mas o senhor vai se arrepender disso um dia”. Efetivamente, dois anos... aproximadamente dois, três anos depois quando o Valverde foi embora, depois daquela crise que nós vamos comentar mais adiante, o computador... o Centro de Computação voltou então para o Instituto de Matemática, e eu disse: “O senhor está vendo, ele já não devia ter saído daqui” e ele muito modestamente disse: “É, realmente eu me lembro que você me disse”, porque ele tinha uma memória fantástica, a memória do Zeferino era uma dessas coisas inacreditáveis, você falava um troço para ele, daqui dois anos ele se lembrava que você tinha dito com detalhe, uma coisa incrível. Ele disse: “É, você comentou que eu estava errado e eu reconheço realmente: não deveria ter saído, devia ter ficado na Matemática”... “Não, tudo bem, tal...”. Mas nessa época, você veja que a pressão política e esse tipo de argumentação era muito pesado e ele tinha que ceder em algumas coisas. Ele não tinha condições de segurar todas as barras, principalmente essa ele teve que ceder por conta de outras coisas. Primeiro por ter conhecimento, ele precisou fazer uma média por alguma coisa. Ele disse: “Não tem importância deixar a máquina [inaudível] lá, depois a gente reavalia isso mais para diante”. Então eu acho que...

EL: Professor... o senhor tem, como o senhor já colocou, duas... áreas de atuação na história da Unicamp: na área acadêmica e um pouco na área da administração. A questão que eu coloco é a seguinte: face a sua formação escolar e a experiência profissional de um modo geral, queria que o senhor fizesse uma avaliação entre essa sua formação e as funções que o Senhor exerceu na Unicamp. Quer dizer, do ponto de vista

acadêmico, foi na área de estatística e veio trabalhar na área de Estatística, associada à Computação, etc. Em relação a área de Administração como é que o senhor se sentia?

RMM: Bom... o modelo da Universidade... cada um de nós ao longo da vida na Universidade passa pelas experiências de ter que compartilhar da administração da instituição, ao nível de chefia de... núcleo de trabalho, chefia de Departamento, chefia de uma Faculdade, ou participar de outras comissões. Eu não tinha experiência prévia, eu não tinha... de fato, então muitas das coisas que foram feitas, realmente foram coisas que... foram improvisadas, muitas delas, como muito das coisas que eram feitas na Universidade eram improvisadas tentando-se usar um pouco o bom senso. Também não se tinha muito a que recorrer. Não se tinha muitas outras experiências similares e as experiências também não podem ser transpostas porque o contexto é outro, todo o meio, toda a cultura é... outra. Então essas coisas tem que ser adaptadas e não são... não é muito simples fazer isso, não é? Mas isso é um processo progressivo, porque a Universidade também era muito pequena. Então a gente falar da Universidade hoje é essa coisa fantástica, enorme que existe. Antigamente a Faculdade... Universidade era uma coisa que... menor do que o tamanho de uma das faculdades hoje em dia. Então, esse processo, essa aprendizagem, esse processo de aprendizado foi gradual e crescendo também junto com a Universidade. Cada um de nós também foi assumindo responsabilidades crescentes, mas foi um processo lento, não houve uma explosão. Agora... e o Zeferino tinha que destacar algumas pessoas... para cuidar de algumas áreas. Eu fiquei cuidando da parte... do ensino da Universidade, a nível de graduação, da montagem, da estruturação, que foi uma coisa MUITO difícil. Há um outro episódio que eu gostaria que constasse aqui no meu depoimento porque eu acho que também mostra muito o tipo de dificuldade e até que ponto também, embora essas pessoas tivessem ido para a Unicamp, existisse ainda arraigada alguma coisa muito dos modelos mais antigos. Eu havia proposto uma estruturação na Câmara Curricular, uma estruturação de cursos semestrais, matrícula por disciplina e fiz um projeto por escrito. Distribuí aos membros da Câmara Curricular, marquei uma reunião para discutirmos o projeto, fiz uma exposição de todo esse projeto e discutíamos, e isso foi posto em votação. A Câmara Curricular naquela época, eu não me lembro exatamente os números, mas era coisa, digamos, devia ter umas oito pessoas. Eu coloquei em votação. O primeiro membro se absteve, o segundo se absteve. O terceiro votou contra, o outro votou a favor, o outro votou contra, o resto se absteve, se absteve, se absteve, se absteve... enfim, dos oito membros a contagem, não me incluindo, que presidia a Câmara, ficou dois a um. Eu tinha que votar como membro. Então eu votei evidentemente a favor do meu projeto, ficou dois a dois. Aí empatou e eu como presidente da Câmara tinha que desempatar, aí eu desempatei contra o meu projeto. Eu desempatei contra e disse: “Olha, não só desempato contra como eu me demito da Câmara Curricular” e mandei uma carta ao Zeferino, me demitindo da Câmara Curricular. Não por ter perdido, não, porque eu até perdi contra o meu próprio voto, mas porque eu não admitia em que no momento em que se discutia a política de ensino da

Universidade que existisse cinco diretores de unidades que se abstivessem. Isso não tem o menor cabimento. O sujeito pode ser contra e se a maioria for contra significa que o meu projeto está uma porcaria, ou pode ser a favor, agora se abster, tendo tido a possibilidade de analisar o meu projeto e estudar, é inadmissível para mim. Falei ao Zeferino: “Isso é inadmissível para mim que cinco diretores de Faculdades se abstenham de se manifestar sobre o que eles acham adequado a nível de ensino ou não. Então eu não aceito presidir mais a Câmara porque não faz sentido nenhum, estou perdendo meu tempo”. Mandei uma carta para ele pedindo demissão, ele disse não: “Rubens, eu vou convocar a Câmara Curricular e eu vou discutir com a Câmara Curricular”. Eu disse: “Não, o problema é seu. Se o senhor quiser discutir com a Câmara Curricular, o senhor vá. Eu não estou mais aí”. “Não, eu vou reunir...” ele realmente discutiu com a Câmara Curricular, pediu às pessoas que analisassem o projeto e que se manifestassem: sim ou não, porque não tem cabimento, você entende? Você é diretor de uma Faculdade, como é que você não pode saber se você está contra ou você está a favor do projeto de ensino da sua unidade? E acabou reunindo a Câmara e o pessoal voltou a discutir, aprovaram o projeto e aí ele me pediu para que eu reassumissem novamente, embora na época realmente eu não quisesse muito eu não tive como dizer não. Mas isso para te mostrar... qual era a personalidade dele. Realmente ele fazia questão de assumir as coisas e de entender e ele me disse: “Olha apóio sua decisão. Acho que está correta. Nessa eleição não tem sentido as pessoas se absterem”. Então a outras pessoas ele designou para cuidarem de outros setores da Universidade, inclusive, por exemplo, a parte de construções foi dada ao Valverde, para cuidar, e aí há um episódio, também, muito significativo. Então ele cuidava da parte de construção da Cidade Universitária, nessa época nós estávamos no Bento Quirino, e... isto foi 1968...69... foi 69, porque nesta época, o Valverde por conta da edição do AI-5 ele se encontrava... como se diz hoje em dia, com a corda toda. Se encontrava extremamente... se achava pelo menos, extremamente com poderes muitos grandes. Havia tido... havia havido um incidente bastante grave um pouco antes da Comissão de Ensino da Universidade e esta Comissão na época era presidida pelo... Briger, pelo Professor Briger e integrava essa comissão o Brieger, o Valverde, o César Lates, é... Damy... eu e mais algumas pessoas...

EL: Hadler⁸...

RMM: Hadler... e houve uma discussão muito séria, não me lembro a propósito de que, mas eu sei que o Valverde levantou-se e disse: "Não, agora nós temos uma nova ordem nesse país"... quer dizer, deu a entender: ou as coisas são feitas assim, ou se não forem feitas assim eu vou tomar outras providências. E o Lates, que inclusive estava ao meu lado, pegou um copo de água para jogar em cima dele, ficou muito chateado, pegou o copo para jogar, precisou segurar o Lates, tumultuou a reunião. Mas deixando de lado o

episódio, isto mostrava muito claramente que ele estava assumindo umas posições, com respaldo aí da edição do AI-5, muito mais firmes... e lutando pelo poder na Universidade. Quer dizer, o primeiro indivíduo que tentou derrubar o Zeferino foi o Valverde. Quando foi na formatura da Universidade... uma das coisas que o Zeferino sonhava muito é que a Universidade também não tivesse uma formatura de cada instituição, mas passasse a ter uma formatura geral. Não era o caso ainda, 1968 era só a Faculdade de Medicina. Naquela época, isso no final do ano, o Valverde tinha ameaçado... eu me lembro disso agora... a formatura foi no Cine Ouro Verde, formatura da turma de medicina... e... ele tinha ameaçado me prender, a troco de que eu não sei, e mandou um recado por alguém. Isso chegou ao Zeferino e chegou ao meu conhecimento também. O Zeferino me chamou e disse: “Olha Rubens, hoje tem a formatura e está uma situação muito tensa esse negócio do Valverde... e falando esse negócio de mandar prender e por via das dúvidas, é melhor... não faz diferença... é melhor você não ir”. Eu disse: “Olha seu Zeferino, eu vou. Se tiver que me prender, vai me prender de beca”, porque a formatura era de beca naquela época e as pessoas normalmente vestiam a beca no local, levavam. Eu disse, eu vou fazer diferente, eu já vou vestido de beca, vou descer na porta do Cinema de beca, se quiser me prender me prende de beca. E isso foi uma situação extremamente tensa e realmente eu fui e não aconteceu nada. Ele estava blefando, não tinha poderes para isto. Mas esse foi o início e a caracterização muito clara de que já havia uma disputa pelo poder e ele utilizou inclusive do que ele tinha na mão para tentar torpedear as coisas. Devia estar sendo construído na época o bloco 1, era o primeiro prédio na Cidade Universitária que iria abrigar os alunos que iam fazer o vestibular em 69 e o prédio devia estar concluído para dar aula para o pessoal; e quem cuidava da... como chamava... não sei se era... não é CODETEC... CODETEC é hoje em dia ...que se chama, chamava...

EL: ESTEC.

RMM: ESTEC, exatamente. Escritório Técnico, exatamente. Escritório Técnico de Construção, que era o que o Valverde dirigia e supostamente o prédio deveria estar pronto, ou devia estar quase pronto e eu recebi uma informação de que não estava, que as coisas estavam muito atrasadas e que havia uma certa forma deliberada disso estar atrasado para atrapalhar o início das aulas. E ninguém ia naquela época à Cidade Universitária porque a Cidade Universitária não tinha nem como direito chegar lá... era barro, você chegava e atolava, não tinha estrada, quer dizer, era uma coisa muito complicada. Ia só realmente o pessoal de obras e estava acompanhando muito bem, isso estava sendo sob a responsabilidade dele. Eu resolvi ir lá e fui lá e vi realmente: o prédio estava num estado de dizer: “Olha, isso aqui não vai estar pronto daqui três meses nunca”. Fui procurar o Zeferino. Fui lá na Reitoria, disse: “Olha Dr. Zeferino...” em cima do prédio, porque eu tinha responsabilidade pela Câmara Curricular e o início de aula, fazer horário, aquelas coisas todas,

⁸ Walter Augusto Hadler, biólogo, primeiro diretor do Instituto de Biologia.

“...sabe, esse prédio não vai ficar pronto. Disse: "Como não vai?" “Não, acho que alguma coisa aí está muito errada e essas coisas não vão estar prontas a tempo”. Aí ele pegou o carro dele, disse: "Então vamos lá, entra aí", e fomos e realmente quando chegou lá ele ficou extremamente assustado porque ele viu que realmente o prédio não ia ficar pronto e o negócio estava sendo sabotado para não ficar pronto efetivamente. Bom aí... é como ele dizia: “Se o sujeito quiser me derrubar...”, essa é uma expressão que ele usava “...o sujeito tem que me derrubar de vez porque se eu puser as quatro patas no chão eu saio dando coice” [risos] e aí realmente ele se pôs a campo e... parece que ele caracterizou muito bem que havia uma disputa pelo poder, que queriam tirá-lo de lá e que o Valverde estava à frente disto. E aí foi todo um processo. Dá para você imaginar a dificuldade de você afastar um Diretor de Faculdade e General em 1969 e ele conseguiu. Realmente ele afastou o Valverde de lá e... teve que pagar um preço alto por isto num certo aspecto, eu acho. Eu tenho a impressão, embora ele nunca tenha comentado nada comigo, porque quem acabou indo substituí-lo foi um indivíduo extremamente reacionário que havia participado na Universidade de São Paulo... a Universidade de São Paulo tinha feito alguns anos antes uma comissão de três professores para analisar a subversão dentro da Universidade, uma coisa assim, e um deles era o Professor Teodorito Souto, que... foi exatamente quem entrou no lugar do Valverde na Universidade. Um homem muito estranho, conservador... eu não sei se para poder excluir o Valverde da Universidade ele precisou colocar alguém acima de qualquer suspeita e num ponto...

EL: Professor... ele ainda está na Universidade?

RMM: Teodorito Souto? Não, ele é um senhor, acho que já falecido. Mas era... foi ele, eu não me lembro os dois outros nomes, que integraram a comissão... da USP. Essa comissão foi, se eu não me engano, foi designada pelo Reitor da USP na época que era o Gama e Silva. Então era uma pessoa extremamente reacionária que ficou alguns anos, não ficou muitos anos, dois ou três na Universidade, além do que já estava com idade realmente bastante avançada, a pessoa já estava meio... esclerosada e... foi mal, foi... foi... uma má substituição sob este aspecto. Aliás, essa foi a primeira tentativa de derrubada do Zeferino que se tem conhecimento mais explícito... do Zeferino que teve inclusive repercussões depois, porque alguns anos adiante, um ou dois anos, não me lembro, o Zeferino foi chamado a depor na CGI - Comissão Geral de Investigações. Inclusive vários professores da Universidade foram chamados porque o Valverde havia feito uma denúncia em relação ao Zeferino - inclusive eu fui convocado a depor na CGI: eu, Damy e várias outras pessoas - que diz que não sabia a respeito da conduta do Zeferino dentro da Universidade, como que ele administrava, coisa desse tipo. Isso tudo foi montado, realmente pelo Valverde na época... Não sei se agora nós nos perdemos um pouco aqui na... pergunta... eu vou lembrando um pouco as coisas... [risos]

EL: Não... está ótimo porque está coincidindo... você sabe que eu vinha ajustando esse questionário aqui de acordo com a... e está bem dentro. A pergunta seguinte é justamente o espaço para poder avançar mais, que... em relação a esse período que nós estamos considerando de 66 até 78 também, que foi até quando ficou o Professor Zeferino. Então a questão é sobre a sua visão da situação nacional e também no Estado de São Paulo, especificamente, em relação às questões econômicas, políticas, social, cultural. Que influência isso teve... é como se fosse fazer um balanço, que influência a situação econômica, política do país na ocasião... contribuiu ou não para o crescimento da Universidade.

RMM: Veja, era uma época muito difícil em que as pessoas viviam atemorizadas, por conta da ditadura, por conta da repressão, e você veja, em 1968, foi o Congresso de Ibiúna, e nesta época foram presos dois alunos nossos, o Vasconcelos, não sei se você o conhece, ele está na Universidade, o Vascão, e o Alcides Mamizuca. E, eles foram presos, eu fiquei sabendo, fui procurar o Zeferino, e disse: “Olha Prof. Zeferino, prenderam dois alunos. Ele disse: o que você quer que eu faça? O que que eu quero que o senhor faça é que o senhor vá lá. Olha Dr. Zeferino, o senhor tem que pegar o carro e ir ao Presídio Tiradentes visitar os meninos, mas o que... o senhor leva chocolates para eles, leva cigarros, eu acho que a sua ida lá será uma coisa que pelo menos eu acho que vai ajudar a preservar um pouco a integridade física deles. E você sabe que ele pegou o carro e foi? Aquele Galax imenso com aquela placa de [Huck]⁹, encostou no Presídio Tiradentes e foi visitar os dois lá. Evidentemente isso deve ter ajudado, entendeu? E... anos mais tarde, depois inclusive, quando eu fui preso, ele também foi me visitar no Dops e essas coisas, evidentemente, sempre... tem um impacto. Então era uma época muito difícil, as pessoas viviam muito atemorizadas, pois a repressão era realmente muito grande e dentro da Universidade, ao contrário da Universidade de São Paulo onde existia perseguição, dedodurismo... Você vê inúmeros professores da Faculdade de Medicina que foram denunciados e precisaram sair. Cientistas brilhantes, como Usdebrando Pereira da Silva, Ernei Plecer Camargo, o Luís Rei, foi o indivíduo que erradicou a esquistossomose na Argélia, entre outras coisas. Indivíduos da maior significação científica, que acabaram sendo perseguidos. O pessoal dentro da Universidade sentia uma segurança no Zeferino, sabe?; porque... tinha mais ou menos claro que ninguém ia entrar lá dentro para prender um... alguém ou fazer alguma coisa, sem que ele tivesse conhecimento ou ciência, e tinham certeza que ele não daria permissão e não deixaria que isso fosse feito e efetivamente isso não foi feito. No meu conhecimento, não foi ninguém perseguido dentro da Universidade, muito pelo contrário, algumas pessoas que eu sei que... o pessoal mais ligado à repressão estava muito interessado e o Zeferino conseguiu segurar as pontas - “Aqui é minha Universidade, aqui dentro eles não... eles podem ter a ideologia deles, mais eles não estão fazendo nada de subversivo, e eu assumo a responsabilidade”. Então eu

⁹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir

acho que este clima existente a nível político nacional e a possibilidade de você ter uma certa tranquilidade dentro da Universidade, a despeito de alguns episódios com as coisas locais, essa do Valverde e uma outra pessoa mais reacionária que existia, as pessoas tinham uma certa segurança para trabalhar dentro da Universidade e fazer seu trabalho, sua pesquisa e efetivamente não estavam fazendo política dentro da Universidade. Eles não estavam mesmo... podiam vir o que viessem, não era o caso, efetivamente não estavam. Estavam preocupados, claro, evidentemente com toda preocupação política, essas coisas não são dissociáveis, toda preocupação com o momento político, social que você está vivendo, mas sentia uma certa tranquilidade para estar dentro da Universidade. Eu acho que isto pesou também inclusive para algumas pessoas permanecerem, ficarem aqui e até algumas para virem aqui.

EL: Em relação a situação econômica, parece que foi um fator positivo ou negativo para Universidade? Quer dizer, o que o fator econômico da época, era... foi o... principalmente o... chamado...

RMM: Milagre.

EL: Milagre brasileiro, tal...

RMM: Não. Eu não acho que isso tivesse alguma coisa mais diretamente ligada com a Universidade, porque ela estava com a sua dinâmica mais ou menos própria, nas dificuldades sempre conseguiu verba, de... cara... se implantando, fazendo. Eu acho que não tinha nenhuma vinculação maior com isso não. Eu acho que no aspecto político sim... este pode ter contribuído até para uma coesão maior dentro da Universidade. Eu acho que houve sempre um clima de muito respeito dentro da Universidade nesse aspecto, não houve perseguição política, não houve...

EL:... em relação aos Governos, Federal e Estadual, do ponto de vista acadêmico, administrativo, financeiro, qual era, na sua visão, a autonomia que a Unicamp gozava em relação. Ela tinha total autonomia?

RMM: Não. Eu acho que não tinha. Essas coisas tinham que ser negociadas, caso a caso, com cada Governador, com cada órgão, e... a administração na Universidade... isso não nos cabia fazer. Nossa participação nesse processo era muito pequena, isso realmente estava totalmente centralizado no Zeferino e isso demandava um tempo grande para ele... conseguir esses recursos... porque aí começavam surgir... a Universidade começou a crescer e ganhar prestígio na medida, que, claro, no início ninguém queria tirar o Zeferino porque... se ele não estivesse lá, havia uma clareza muito grande que aquilo não ia andar. Na medida em que ela começa a se projetar em alguns aspectos, então determinadas pessoas do grupo passam a querer assumir o poder, o que é natural, na dinâmica da [inaudível] luta pelo poder. Primeiro foi o Valverde e num segundo momento então, as coisas se articulam de uma maneira muito mais elaborada e foi uma coisa

muito mais forte, com a liderança do Damy que, no fundo seria o sucessor natural do Zeferino, que era o candidato intectore dele porque era o amigo de vinte e cinco anos, mas as coisas se precipitaram. Na hora que você achar oportuno a gente entra em detalhe nisso. Essa segunda luta pela tomada do poder da Universidade, essa teve baixas muito significativas dentro da Universidade...

EL: Pode falar Professor Rubens.

RMM: Veja bem, nesta época... a Universidade tinha uma Comissão de Ensino que era também extremamente poderosa e era presidida pelo Brieger e... comandada pelo Brieger, Marcelo Damy e Fausto Castilho. Era o trio que mais ou menos comandava a Comissão de Ensino. A outra comissão de importância política, dentro da Universidade naquele momento, era a Câmara Curricular, que eu continuava presidindo e tinha a Comissão de Tempo Integral, mas essa já era uma coisa muito mais específica. A Comissão de Ensino começou a torpedear, porque todos os processos de contratação passava pela Comissão de Ensino - professor - e a comissão começou a torpedear o Zeferino e os processos de contratação porque achavam que o Zeferino ia sair, porque ele já estava muito tempo na Universidade, era extremamente centralizador, estava emperrando as coisas, enfim... um rosário de justificativas. E o pessoal começou sistematicamente a torpedear o Zeferino, eu me posicionei ao lado dele, fiquei na Câmara Curricular e ao lado dele, e sabe, eu acho que evidentemente ele pode ter algumas falhas, eu acho que isso a gente... questão de lealdade, tem que chegar e discutir com ele, colocar, mas eu não vou participar. Fui sondado para participar desse grupo para tentar derrubá-lo, mas não vou fazer isso, quando tenho divergência com ele costumo colocar e fui muito torpedeado na Câmara Curricular. Extremamente torpedeado. As reuniões passavam a ser reuniões assim, dramáticas, inclusive o pessoal utilizando assim um instrumento de pressão, de querer gravar a reunião, entendeu?; e coisas mais de pressão psicológica para tentar te complicar e a idéia era realmente... e isso muito... quer dizer, a cabeça dessas coisas eram o Damy e o Fausto Castilho. E a questão do Damy é uma questão muito complicada porque, como eu te disse, o Damy seria realmente o sucessor natural do Zeferino, porque ele era amigo do Doutor há vinte e cinco anos. Amigos, mas amigos mesmo! De se freqüentarem, de passar o natal um na casa do outro. Sabe esse tipo de coisa que não é amizade meramente formal e... o Zeferino custava muito... custou muito a acreditar que as pessoas estavam querendo realmente puxar o tapete dele, até que as coisas foram acumulando aí evidências e por outro lado ele também... veja bem, você teria que mexer na Comissão de Ensino, tirar um Diretor do Instituto de Física, um do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, o Brieger que era o Presidente da Comissão de Ensino, quer dizer, seria uma mudança muito grande. Por outro lado, a campanha pela substituição e pela ilegalidade da permanência do Zeferino

na Reitoria já havia ganho os jornais. O Estadão¹⁰ estava patrocinando, dando muita cobertura na época, inclusive a saída de Zeferino, não é...

EL: Havia um Deputado, também, na Assembléia Legislativa, assim sistemático...

RMM: Eu acho que era o Dom Bosco Amaral se eu não me engano. O Deputado Dom Bosco do Amaral que sistematicamente, estava... então as coisas estavam montadas um pouco aí... então era muito complicado para o baixinho [risos], como a gente o chamava, não é?; para ele administrar, administrar essas coisas. E esse negócio foi indo, foi indo, até que realmente ele demitiu o Marcelo e, é claro, ao sair o Marcelo da Física, ele precisava arranjar alguém, de prestígio também, importante para tocar as coisas lá. Foi aí que o Rogério Cerqueira Leite sucedeu o Damy. O Zeferino encontrou apoio dentro do próprio Instituto de Física para substituir o Marcelo e na hora que ele encontrou esse apoio, ele fez. Como disse, ele tinha evidentemente uma experiência administrativa, política e habilidade, não ia tirar o Diretor, sem mais. E... essa crise redundou no fundo com a saída do Fausto Castilho, a saída do Damy, a saída do... Brieger da Universidade. Então foi uma crise que deixou marcas, que realmente marcou a Universidade, mas ele administrou isso depois...

EL: Professor Rubens, como era nesse período sua avaliação sobre a situação da educação no Brasil e do ensino superior em particular?

RMM: Bom [pausa breve]... a situação a gente.. sentia e... mais do que sentia, as observações mais objetivas que se tinha eram de que as coisas estavam piorando. Cada dia que passava as coisas pioravam. Você tinha menos recursos investidos na área, os programas de treinamento, de capacitação, de bolsa de estudo tinham suas restrições do ponto de vista político ideológico e tudo isso evidentemente trazendo repercussões muito grandes para dentro da Universidade. A gente sentia, eu acho, que as coisas estavam deteriorando não só a nível de ensino superior mas a nível de ensino de primeiro e segundo grau. A gente tinha as dotações, as verbas para pesquisa, os recursos a nível de CNPq, de CAPES, de FAPESP... era uma coisa, assim, coisa que para administrar estava sendo difícil porque havia restrições. O fato é que existiam restrições políticas para você conseguir seus... não bastava apenas o cacifê científico do indivíduo.

EL: Como você viu o papel da universidade brasileira, em particular da Unicamp, no processo de desenvolvimento do Brasil? Ainda dentro daquela noção do modelo da época e... na sua resposta gostaria que o Senhor considerasse a questão do utilitarismo da pesquisa científica e tecnológica e o seu reverso, ou

¹⁰Jornal O Estado de S. Paulo.

seja, a geração de conhecimento humano e a criação de Ciência e Tecnologia devem ou não estar atrelados ao desenvolvimento do que é feito dentro da Universidade, deve ou não...

RMM: Olha, eu acho que é muito difícil da gente dar uma resposta [pausa breve] exclusiva para uma coisa e para outra aí, certo? E... se por um lado a gente tem claro que a Universidade não pode entrar no esquema utilitarista de você estar produzindo coisa que é para ser consumida amanhã, mas você tem que fazer investimentos intelectuais a médio e a longo prazo e alguns deles, cujo retorno é até... duvidoso, mas fica a nível apenas do aprimoramento intelectual, cultural você... também não pode estar totalmente desvinculado de... da Universidade servir um pouco mais proximamente, mais rapidamente, para que a sociedade possa usufruir desses benefícios. A Unicamp nesse início, evidentemente ela não contribuiu, porque não tinha com que contribuir, porque ela não estava inovando em nada a não ser no modelo, que eu acho que o modelo foi razoavelmente adequado, haja visto as repercussões que você está tendo de... produção científica e tecnológica hoje... mas... por esses anos, até essa época a que estamos nos referindo, a Universidade era muito nova, havia uma expectativa de fazer as coisas e uma das coisas que me parece claro e que a Reitoria tinha em mente é de que ela precisava ter alguns carros chefes para puxar o resto da Universidade. Então, por exemplo, desenvolvimento de determinado tipo de projeto da Faculdade de Tecnologia de Alimentos poderia trazer uma imagem da Universidade produzindo... ciência, produzindo... tecnologia... para um consumo muito rápido, muito perto no tempo para a sociedade, e novas técnicas. Isto traria um prestígio para instituição que te permitiria manter a pesquisa básica. O Zeferino era realmente um indivíduo muito preocupado com a pesquisa básica, porque ele sabia que se eu não tiver isso, você não vai saber fazer pesquisa tecnológica de boa qualidade, inclusive. Você tem que investir em pesquisa básica. Você vai investir em Física, vai investir em Química, em Matemática, em Biologia e você não vai pensar apenas na... Engenharia ou na Medicina. Você vem pensar na Biologia, você tem que pensar na Física, na Matemática. Então ele... estava sempre muito preocupado e eu acho a Universidade caminhou um pouco nisto... em ter alguns projetos. Algumas instituições desenvolvendo coisas assim que davam ibope e esse ibope mantinha... era com esse ibope de produções desse tipo que ele ia barganhar junto ao Governo do Estado os recursos para a Universidade e dizer: “Olha, nós não estamos fazendo exatamente o que a USP ou não sei quem, não sei quem está fazendo. Nós tentando fazer algumas coisas diferentes, e para isso a gente precisa de recursos para aquilo”. Agora [pausa breve]... durante algum tempo... havia defensores muito... nítidos na posição de que a Universidade... de que a vinculação, de que esse utilitarismo deveria ser excluído da Universidade; a Universidade não pode pensar com esse tipo de coisa. Essas tendências existem na Universidade e existem até hoje. Essas coisas são discutidas, mas sei lá, não...

EL: Professor... na época havia alguma predominância de um em relação a outro...

RMM: Nessa época inicial na ciência básica, seguramente, seguramente. Mesmo porque não tinha muito o que oferecer, a não ser nessa área que eu estou te dizendo. A Tecnologia de Alimentos que mais que tinha na época que pudesse trazer... na área de Física estava começando um pouco com as coisas na parte de Física aí, com o grupo lá do Arguello, do pessoal que estava trabalhando com parte de cristais, conhecimento de cristais, umas coisas assim...

EL: Professor qual a sua posição face a proposta da Unicamp ser uma Universidade inovadora em relação ao ensino e à pesquisa, quer dizer, havia uma proposta de ela ser inovadora? Ela conseguiu isso?

RMM: Eu acho que parcialmente. Eu acho que ela conseguiu em algumas áreas, não conseguiu em outras. Eu acho que... essa proposta, evidentemente, era o que atraía as pessoas para irem para a Universidade, como eu te disse. Agora a concretização disso... uma coisa é você querer inovar, outra é você conseguir efetivamente inovar, fazer a coisa séria. Inovar não é fazer qualquer maluquice que te passa pela cabeça, tem que fazer uma coisa sensata e que... Abrir novas linhas de trabalho, de pesquisa, não são coisas muito simples, você realmente precisa de líderes e de projetos aí importantes. Acho que algumas áreas vingaram e acho que outras não, continuaram uma coisa meramente rotineira, acadêmica sem menos expressão.

EL: O senhor conseguiria exemplificar?

RMM: A Física por exemplo é uma coisa que... teve um desenvolvimento muito grande dentro da Universidade... o que se produz, tanto quanto eu estou informado. A produção científica e científica com aplicações e sem... a nível teórico também, é extremamente significativa. Já na própria Matemática as coisas já ficaram muito aquém daquilo que eu imaginaria. Acabou se formando um profissional... que pode se distinguir um pouco, por ser uma formação um pouco melhor do que aqui, talvez um pouco melhor do que lá, sei lá o que for, mas, por exemplo, nós não estamos formando, tanto quanto eu saiba, na Universidade um profissional na área de Matemática extremamente diferenciado. A exceção da área de Computação. Na área de Matemática, na área de Estatística eu acho que realmente as inovações foram pequenas, não foram... não é fácil, realmente, e eu acho que não foram muito grandes. Não sei se na parte de Química se tem alguma coisa, aí eu já não tenho muita informação. Mas eu acho que a parte das Ciências Humanas em que... pelo que vejo hoje - e veja bem eu estou afastado da Universidade desde 1975, praticamente, afastado formalmente - então na área de Ciências Humanas eu acho que as coisas mudaram muito: nós abrimos vários campos, várias coisas, alguns grupos foram criados aí. Na Economia eu tenho impressão que a gente avançou. Eu acho que ela inovou... mas se você dissesse e globalmente qual a sua avaliação, a Universidade em relação ao que nós tínhamos aqui em nosso meio, ela inovou? Eu acho que sim, eu acho. Agora, cresceu muito e isso não sei se é bom.

EL: Na... ocasião, nesse período que nós estamos analisando, havia uma... algumas pessoas que defendiam que a Unicamp deveria colaborar na formação de recursos humanos de que necessitava o processo de desenvolvimento econômico e social brasileiro, justamente dentro daquela coisa muito forte que era a ideologia do desenvolvimento da ocasião... qual era a sua posição, contrária ou a favor dessa... participação da Unicamp na formação de recursos humanos?

RMM: Não sei especificamente o que você está se referindo, mas a experiência concreta que a Universidade viveu, que eu saiba foi a experiência do DEPEs - Departamento de Planejamento Econômico e Social, que começou... utilizando mais ou menos o modelo da CEPAL, a criar um grupo de profissionais aqui capacitados para o setor e eu acho que foi da maior relevância. Eu acho que você teve a oportunidade dentro da Universidade, primeiro de oferecer um tipo de curso e uma formação saindo um pouco dos padrões formais... o sujeito fazer vestibular, entrar, estudar quatro anos, pegar alguns profissionais e já levar para Universidade, dar um certo tipo de especialização eu acho que foi uma experiência bem sucedida e eu acho que foi importante. Se... em relação a esse curso desenvolvido pelo DEPEs...

EL: O DEPEs... era, vamos dizer assim, acho que foi a primeira iniciativa, mas... havia uma idéia muito forte de que de um modo geral a Unicamp contribuísse nas diversas áreas não só na área de planejamento econômico.

RMM: E também você veja, por exemplo... tinha aquele centro, negócio de pequena e média...

EL: Sei o que é. É o Centro de Apoio a Pequena e Média Empresa.

RMM: Centro de Apoio a Pequena e Média Empresa que quem... era o Osmar Marquesi...

EL: ... Osmar Marquesi...

RMM: ... que inclusive isso era uma coisa que o Zeferino se orgulhava muito. Lembro-me de várias vezes ele mencionar isso em várias reuniões, coisa assim, de estar capacitando o pequeno e o microempresário aí a gerir as suas coisas, eu acho. Eu era favorável a isso sim, sem dúvida. Eu acho que esse papel pode ser desempenhado dentro de uma Universidade sem prejuízo, e muito pelo contrário até, se tem uma ligação você consegue trazer algumas coisas de fora para dentro da Universidade e sai um pouco daquele embrigue que você fica rodando ali em torno de você mesmo, achando que só aquilo que você está fazendo que é importante. Eu acho que você tem uma possibilidade de fazer uma autocrítica e de você se expor na medida que você começa a ter esse tipo de contato com o mundo aí fora para ver se você também... Será que esse profissional que eu estou treinando é adequado? Nós estamos investindo, formando determinado profissional

na Universidade, faz sentido formar esse profissional... como se avaliar? O Estado não tem avaliação... hoje é uma coisa que se discute, hoje em dia, como é que se avalia a Universidade. Não é só avaliar a produção científica ou acadêmica de um docente. O que nós estamos fazendo, o que... formando o que? Quem é esse Bacharel em Física ou Matemática que está sendo formado? Para que isso? Que horizonte que a gente tem para isto? Eu acho que a gente tem que ter momentos de reflexão...

FITA 2: LADO A

RMM: ... se formando... qual é o mercado de trabalho que inclusive você tem... Até que ponto você pode adequar certas coisas a uma demanda existente aí no mercado? Até que ponto faz sentido isso? Até onde você... quais são os limites para isto? Eu acho que isso precisa ser discutido e normalmente não é muito pensado nisso não. Não são tocadas. Existem currículos por exemplo que estão feitos aí a vários e vários anos e... imutável. Será que a gente não caminhou? Será que essas coisas continuam? Realmente são essas mesmas ou precisam ser reavaliadas? Acho que elas não são. Como a administração da Universidade, quer dizer, a administração da Universidade é uma coisa que parou também. Entram determinadas rotinas ali... ficam aquelas rotinas e você sabe muito bem que se você quiser mudar uma rotina dessas é uma desgraça. Até você... as pessoas já estão ali, aquele negócio já está autarquizado, já existe... ninguém quer ceder seu espaço, as suas coisas, não vai mudar nada, porque mudar tem que pensar e pensar dói, pensar dá trabalho. É preferível você estar fazendo a sua rotina, então a gente investe pouco nisso na Universidade. A gente investe pouco tempo nessas coisas.

EL: Sobre a proposta inicial de instalação de Institutos Centrais que acompanhou aquele processo de abolição da cátedra em favor do departamento, tendo em vista a melhor formação dos alunos. Qual a sua posição em relação a isso?

RMM: Eu evidentemente estava a favor disso. Achava que isso era um passo adiante. Que a gente pudesse mudar esse tipo de estrutura na Universidade, por uma estrutura, mais moderna. Agora, entende?... eu acho que... aí o que faltou um pouco são os mecanismos realmente. Que faltou e eu acho que continua faltando e

ainda vai faltar por muito tempo, são os mecanismos de cobrança internos da Universidade. Cobrança ao nível da sua produção, ao nível da produção científica, ao nível do que o sujeito está fazendo dentro da Universidade. A Universidade é o lugar que o sujeito entra. Se ele entra como aluno ele sai formado, via de regra. São poucos os casos de indivíduos que não saem da Universidade, pelo menos em alguns setores. E o sujeito entra como professor, muito provavelmente, ele se aposenta como professor e ponto final e... Independente até do que ele está fazendo, se produz, não produz, produz coisas de boa qualidade, não há avaliação. Não se avalia o que é feito. Então eu acho que a gente mudou a estrutura, saiu do sistema de cátedra para departamento, tentou socializar um pouco mais o poder, mas... eu acho que continua faltando ainda você dispor de mecanismos de avaliação mais... mais fortes aí. Não para você punir, mas para você saber pelo menos. Para poder orientar, porque a verdade é a seguinte: o sujeito está na Universidade, se quiser produzir ele produz, se ele não quiser, não produz. Fica à vontade do freguês aí; e eu acho que não dá para ser bem assim. A gente tem que refletir um pouco nisso.

EL: Professor, qual era a sua opinião sobre a proposta de centralização e integração das atividades de apoio administrativo e acadêmico, das finanças, orçamento, pessoal, a parte de controle de matrícula, eram colocações que o Professor Zeferino fazia, ele era a favor...

RMM: Totalmente favorável a isso. Acho que isso funciona até certo ponto, até determinados volumes, quer dizer, eu acho que isso pode ser um modelo extremamente adequado para uma Universidade com determinado tamanho. A partir de certo ponto já não começa a funcionar mais. Mas eu acho que era por aí mesmo, porque era a tal história, cada Faculdade na Universidade antigamente tinha sua seção de pessoal, sua seção de matrícula, seu departamento de finanças, sua tesouraria, sem nenhuma autonomia, sem nenhum poder de decisão, só para atividades meramente burocráticas, porque um caixa, um tesoureiro, a tesouraria de uma Faculdade não tem verba, não tem nenhuma verba que é repassada por uma Reitoria, de acordo com uma determinada programação, então é simplesmente o caixa, é o pagador. Então, eu acho que não funciona

mesmo, é um desperdício de recursos. Agora quando as coisas crescem muito, aí já passam a ser ineficientes também.

[Pausa]

EL: A pergunta agora é para recapitular um pouco esses últimos pontos que a gente tocou, a questão do projeto da Universidade. O projeto básico dele, que era a questão da participação... primeiro da participação da Universidade contribuindo no processo de desenvolvimento nacional. A segunda questão da instalação dos Institutos Centrais. Terceiro, a questão da inovação em relação ao ensino e à pesquisa; e quarto essa questão da centralização. Quer dizer, isso daí eu identifiquei como sendo os quatro pilares do projeto Unicamp. Como o senhor julgaria no todo? A Unicamp foi bem sucedida nesse ponto?

RMM: Eu acho que sim. Veja uma coisa, você pega o estatuto da Universidade - eu me lembro quando nós fizemos esse estatuto, nós gastamos MUITO tempo, realmente muito tempo, numa coisa que pode parecer incrível que é... exatamente são os primeiros artigos do Estatuto da Universidade, dizendo a que ela veio, a que ela se propõe, o que ela deve promover, o bem estar físico, social, mental, o devido respeito à dignidade, isso é uma coisa que foi muito cuidadosamente pensada; e vamos analisar que esse Estatuto - isso tudo feito no contexto de 1967, acho - e depois as outras partes mais técnicas do Estatuto, aí não tem importância, mas isso refletia muito a preocupação do que que a gente imaginava que pudesse ser essa Universidade. Até o nome, eu me lembro a sugestão de por a palavra Estadual até foi minha [riso], porque a Universidade era a Universidade de Campinas e eu sugeri: põe Universidade Estadual de Campinas, é importante que se tenha uma... até no nome saber que ela está vinculada ao poder público, quer dizer, qual é o papel? Naquela época você tinha várias Faculdades, Universidades de Campinas: você tem a Católica, você tem a Universidade de não sei o que. Universidade Estadual de Campinas, o próprio nome já vincula ao poder público, à Universidade pública; quer dizer, qual é o papel dessa Universidade pública? E eu acho que ela cumpriu, eu acho que ela cumpriu... Acho que com os altos e baixos, eu acho que... houve momentos, sobretudo depois da saída do Zeferino, em que a Universidade entrou num período de extrema mediocridade, lastimável...

por... falta de opção, de escolha, não é? Essa escolha do Plínio para reitor foi uma dessas coisas muito curiosas, porque eu me lembro muito bem disto. Porque na época eu já estava afastado da Universidade, eu tinha sido cedido à Secretaria do Planejamento para montar... que hoje é a Fundação Sead, junto com o... Jorge Horaid que era secretário. O Paulo Egídio que tinha solicitado, o Zeferino, e eu fui para São Paulo. E quem era para ser o reitor da Universidade era o Tozello... se ele estivesse na lista. Teoricamente ele estava na lista até dois ou três dias antes da reunião [riso] do Conselho, e aí quando se soube que o Tozello é que seria o reitor ele acabou sendo substituído, porque os outros nomes, evidentemente, inúmeros nomes, muito mais possibilidade de gerir a Universidade, tinham vetos políticos. Exemplo: o Rogério Cerqueira Leite; e o Paulo Egídio escolheu Plínio por absoluta falta de escolha, de opção; sem ter outro tipo de opção, uma péssima escolha.

EL: A... retirada do nome de Tozello... como aconteceu?

RMM: Eu não sei como aconteceu. Eu soube, isso foi, um ou dois dias... eu estava de viagem - foi um ou dois dias antes de eu viajar - eu soube dessa história e eu comentei com o pessoal da Universidade, inclusive cheguei a dizer ao Zeferino, disse "Olha, se o Tozello estiver na lista ele vai ser escolhido". Eu tinha sabido, eu tinha tido essa informação. [pausa] Ele não entrou na lista. Não sei se foi avaliado que ele seria escolhido... não seria bom, não sei porque inclusive eu não estava no Brasil... dois ou três dias antes de eu viajar, depois quando eu voltei, o processo [riso] já tinha... desencadeado. Agora, também não sei se, sei lá... na minha avaliação, eu acho que, seguramente teria sido melhor o Tozello.

EL: Só retomar um ponto em particular aqui, com relação a concepção da Universidade que estava muito ligada a questão dos institutos centrais que era a Universidade... a Unicamp de fato funcionasse como uma Universidade, ou seja, houvesse um processo de integração efetiva entre a... os Institutos e todas as áreas de ensino e pesquisa. Qual a sua avaliação, essa integração, ela funcionou?

RMM: Não... eu acho que ela não... do modelo que se imaginava inicialmente, o que seguramente estava na cabeça do Zeferino, não. Porque até o projeto físico da Universidade refletia isso. Quer dizer, o... até o logotipo, a marca da Universidade, aqueles pontinhos vermelhos, significavam este tipo de coisa. Eu acho que não, porque, eu acho que caminhou-se no sentido de reunir num mesmo Instituto várias atividades que estariam sendo desenvolvidas e outras Faculdades, sei lá... está lá a Matemática, o ensino da Matemática ficou no Instituto de Matemática; a Faculdade de Engenharia, os alunos de Engenharia vão tomar o curso na Matemática, não tem um departamento de Matemática dentro da escola de Engenharia que era o modelo comum, o modelo usual. Agora, a integração entre os Institutos, também é muito difícil você dizer até que ponto você pode se integrar mais à Química, com a Matemática, com a Física, com a Biologia... eu não sei. Eu não tenho muita segurança para responder isso não. Eu acho que a centralização dos Institutos foi boa, você evitou desperdícios. Te permite a nível de ensino, por exemplo, você fazer uma coisa mais homogênea, de melhor qualidade. Agora, entre Institutos, a participação é muito pontual, ao nível do interesse do pesquisador, do contato, coisa desse tipo, institucionalmente eu acho que não tem mesmo.

EL: É, porque é difícil, não é?

RMM: Muito difícil...

EL: Muita gente reclama: isso não é uma Universidade, são várias escolas isoladas. Mas como integrar?

RMM: É... ter clareza nisso... como... o que se pode fazer para integrar isso?

EL: Porque tudo isso é o que se fala desde o projeto inicial. Muitas pessoas falam, eu ouço e reclamo. Agora nada existe nesse sentido. Às vezes dá a impressão de que é até uma quimera se pensar nesse tipo de coisa, propor como integrar com o matemático com... agora tem o Instituto de Artes, como é?...

RMM: Aliás, esse exemplo está bom, vou pegar seu exemplo. Vou te contar uma experiência curiosa que é o que eu te digo. Essas coisas funcionam a nível de interesse de projeto de pessoas. Quando o Cordeiro

estava na Universidade... ele é falecido, não sei se você o conheceu, Waldemar Cordeiro, um artista plástico extremamente importante, um dos indivíduos que, pelo menos no nosso meio, acho que era o único até que tentou utilizar um pouco a... o aspecto quantitativo na arte... na matemática. Ele... uma vez ele me procurou no Instituto, conversamos e acabamos desenvolvendo um projeto junto. A idéia, a nível experimental era você... veja bem, você pega um quadro, você olha, diz: puxa isso aqui é um impressionista, esse quadro é do Gauguim¹¹, esse é do Van Gog¹², esse... você pode nunca ter visto o quadro, no entanto você olha e você é capaz de identificar uma escola impressionista ou expressionista, e em sendo impressionista, tal ou qual pintor; o que que existe subjacente a isso que te permite, mesmo sem ter conhecimento prévio daquela obra de arte, você ser capaz de identificá-la com determinado autor. Então existe o estilo, a forma, o tipo, a pincelada, o... quer dizer, a ocupação do espaço no quadro. E a gente começou a investigar um pouco as coisas por aí e começamos tentar usar o computador para isso. Pegávamos um quadro, esse quadro era fotografado, essa imagem era digitalizada... isto era colocado no computador, eu utilizava alguns modelos estatísticos para analisar, tentar algumas medidas... em caráter mesmo especulativo. Você vai fazer pesquisa, é assim mesmo. Você não sabe no que é que vai dar, então, tentar quantificar algumas coisas num quadro, no outro e no outro e daí tirar alguns indicadores; será que eles teriam algumas coisas em comum? E se tiver, o que que é? E aí você passar a... fazer experiência. Então veja bem, isso é... e acabou o projeto não indo para adiante porque o Waldemar Cordeiro depois morreu e... perdeu-se isso, não se fez mais nada. Mas um projeto extremamente interessante eu acho - não porque eu tivesse envolvido [riso] nele - mas eu acho... sei lá...

EL: ... é a especulação... a busca...

RMM:... especulação, para você ver, buscando alguma coisa, não é? O Instituto de Artes, um indivíduo da Artes com uma pessoa da Matemática. É uma colaboração? É, agora o que você precisa ter é a postura de

¹¹ Paul Gauguin - (*1848- 1903) pintor, escultor e gravador pós impressionista francês

¹² Vicent Van Gog (*1853- 1890), pintor expressionista

estar aberto para isso. O Instituto de Matemática, ou de Física está aberto para receber, para ter esse tipo de interação? Aí eu acho que é a postura da Universidade, daquilo que as pessoas da Universidade tem como seu papel e acho que isso existe. Isso existe. Então aí você pode participar. Agora eu acho que não dá para você formalizar mais isto, mais do que isto...

EL: É, as pessoas cobram muito a formalização...

RMM: É. Acho que aí não tem muito caminho. Não sei como você possa formalizar...

EL: É... as pessoas cobram assim... porque todos os docentes ou grupos de docentes que estejam desenvolvendo um... uma pesquisa, eles façam seminários periódicos e convidam e tal. Houve na época do Professor Pinotti várias tentativas nesse sentido [inaudível] promover seminários. Foi uma batelada, tinha uma publicação interna que circulava em todas as unidades e ficava até zozinho de tanta coisa acontecendo no mesmo dia. No final das contas a frequência era baixíssima, então se tem... se tem questões muito...

RMM: Aí talvez algumas coisas operacionais pudessem... a forma de fazer alguma coisa pudesse contribuir, por exemplo, algum tipo de Seminário. Por exemplo, uma coisa que eu acho que seria extremamente interessante, você pegar aí indivíduos altamente qualificados... indivíduos que estão na ponta da pesquisa em determinadas linhas e convidar o indivíduo para fazer uma exposição sobre aquela coisa de ponta e tal. O indivíduo não daquela especialidade. Qual o estado da arte hoje em dia? O que está se pesquisando em Física do estado sólido, por exemplo? Nós estamos trabalhando, o que que é isso?; mas não em termos muito técnicos, ao nível quase de divulgação científica, mas uma divulgação científica de alto nível. Colocado com outros tipos de profissionais porque aí eu acho que surge, aí surge alguma coisa: puxa tal coisa, olha! Pode ter ligação com isso, pode ter interesse se começa a integrar um pouco as coisas...

EL: Isso deve funcionar muito bem na área de estatística, por exemplo, em que... um ferramental, praticamente todas as disciplinas estão utilizando... tantas pessoas não sabem exatamente... A estatística computacional...

RMM: Exatamente... que recursos você tem disponível... para as coisas hoje em dia?

EL: Porque normalmente... as coisas funcionam assim: alguém quer, tem que ir atrás... Quem é que eu conheço na Estatística...

RMM: Exatamente. E as coisas ficam quase que a nível do favor, uma coisa pessoal e isso que realmente é mau.

EL: Professor Rubens, nós estamos exatamente na metade do nosso caminho. O que o senhor acha, continuamos? Damos uma parada?

RMM: Acho que em primeiro lugar nós vamos dar uma paradinha e vamos tomar um café [risos]. Depois nós decidimos...

[interrupção da gravação]

EL: Professor Rubens... qual a sua visão sobre a importância da administração universitária como suporte das atividades fins da Unicamp?

RMM: Bom... claro que a Universidade não pode funcionar se não tiver uma administração eficiente e competente e sobretudo ágil, quer dizer, que... que o modelo de decisão, da tomada de decisão seja... seja realmente ágil porque normalmente o cientista é o indivíduo que não está muito preocupado com os aspectos administrativos das coisas e nem interessa, via de regra à ele, que tipos de formalidades devem ou não devem ser cumpridas. Ele quer o equipamento dele a tempo e a hora, ele quer que saia o contrato do pessoal, que o pagamento seja efetuado... que o pessoal se sinta bem trabalhando. Então é preciso criar uma administração adequada para isto e o modelo de centralizar a administração, em princípio ele é bom, como eu já tinha dito, até determinados limites. Na medida em que a Universidade cresce muito, ele passa a ser ineficiente...

EL: Eu... tenho algumas questões, eu vou até pular, porque de uma certa forma você já falou. Essa aqui, a de número 16, é sobre... é eu vou pular porque tendo em vista o que... a situação que você viveu até 75, foi o período que você se afastou da Universidade e a Universidade era pequena, não tinha a complexidade que ela tem hoje, o que é objeto dessa pergunta. Agora, de qualquer forma, eu só tiraria dessa questão um pequeno detalhe, a questão do planejamento. Como... qual a sua visão sobre a importância do planejamento nas atividades universitárias, tanto as atividades fins quanto as atividades meio. Você é a favor do processo do planejamento ou não?

RMM: É, eu sou a favor, mas eu acho que a Universidade não está capacitada para isso. Não tem gente especializada nisso e não dá para planejamento ser uma coisa improvisada. Você precisa ter gente capacitada, treinada para isso e isso a Universidade nunca teve. Hoje em dia eu não sei, estou me referindo à época que ela não tinha e nem investia nisso. Acho que é... fundamental realmente, você ter esse planejamento, quer dizer, o planejamento envolvendo, inclusive, o acompanhamento da avaliação, esse Feedback, que te retroalimenta aí para você poder aprimorar as coisas, mas a gente não tem gente capacitada para isso não.

EL: A pergunta seguinte é: qual o seu juízo a respeito do processo decisório na Unicamp no período que nós estamos tratando, face aos aspectos da participação, a questão da centralização versus a descentralização e o acesso da comunidade universitária à esse processo decisório.

RMM: Bom, até 1975, o acesso da comunidade ao processo decisório era nulo, isso não tinha realmente. As coisas estavam centralizadas ao nível da Reitoria e alguma coisa a nível dos diretores das unidades, mas também não era muito não. Realmente, as coisas eram decididas ao nível da Reitoria, eram administradas no dia-a-dia das coisas. Esse era o modelo do Zeferino, era típico dele, realmente. Foi aí... quer dizer, o fato disso... da Universidade crescer e disso começar a emperrar - que inclusive gerou uma insatisfação, muita gente inclusive achava que o Zeferino precisava sair para mudar um pouco esse mecanismo.

EL: Professor Rubens, até onde ia o seu conhecimento a respeito do processo de alocação de recursos de toda natureza, ou seja, a locação de pessoal, de recursos para obras, equipamentos, recursos financeiros em geral, nas diversas atividades universitárias. E como você o qualificaria?

RMM: Até essa época essas coisas eram administradas pessoalmente pelo Zeferino de acordo com o grau de convencimento que ele tivesse das necessidades de cada um, do poder de barganha de cada um, de convencimento de cada um. Não havia coisas digamos... pré estabelecidas, foram feitos alguns, porque inclusive era um dispositivo legal que foi implantados no governo do Estado, os orçamentos-programa, mas isso nunca foi cumprido a risca realmente, não havia... não há até aquele momento nenhuma autonomia financeira ou de alocação de recursos dentro de cada unidade.

EL: Agora, uma vez alocados esses recursos, as unidades, no caso os diretores, eles tinham a autonomia, ou não...

RMM: Não.

EL: ... ou o controle também...

RMM: Também não tinha.

EL: ... também não tinha na alocação, na utilização de recursos...

RMM: Não, porque inclusive não havia nem estrutura administrativa para isso dentro das Unidades. Cada Instituto, cada Faculdade tinha uma direção, tinha uma secretaria, uma pequena secretaria, para encaminhamento das coisas internas ou a burocracia interna do Instituto ou da Faculdade junto á reitoria, mas não tinha nenhum outro suporte administrativo, não tinha departamento ou seção pessoal, ou caixa, tesoureiro, nada, absolutamente nada disso. Então essa locação de recursos não era administrada pela instituição, era pela reitoria globalmente.

EL: E sobre a admissão de... docentes e funcionários?

RMM: O processo de admissão inicialmente cada docente dependia de um despacho do Diretor com o Reitor, então vai lá, leva currículo, justificava as necessidades, precisamos contratar fulano, estamos criando isso, isso, aquilo, e dependia de uma autorização do Zeferino. Depois esse processo passou a ser um pouco mais racionalizado, numa apreciação prévia e eventualmente até entrevistas, eu não me lembro, pela Comissão de Ensino. A Comissão de Ensino avaliava isso, depois é que ia para a reitoria para ver se havia recursos para você poder contratar. Mas nunca você até 75 administrou as coisas: “Agora, você tem tanto esse ano para gastar ou contratar 5 ou 10 professores, isso ou aquilo”. Não! Essas coisas tinham que ser conseguidas caso a caso e é natural até certo ponto porque no início... é assim mesmo, não é?.

EL: Com relação a fixação de currículos... como é que era feito, qual era o grau de autonomia na decisão por parte das Unidades.

RMM: Ah, bom, aí sim! Aí as unidades tinham inteira liberdade para fixação de seus currículos, de seus programas de ensino, que eram encaminhados à Câmara Curricular. Quer dizer, a Câmara Curricular ordenou, disciplinou, fez uma ementa de cada disciplina, distribuiu a carga horária, mas a fixação da carga, o número de horas, o programa, a bibliografia, o que devia ser ensinado, em que semestre, tudo isso era de exclusiva e inteira responsabilidade da unidade, sem nenhuma interferência da administração central da Universidade. A Câmara Curricular apenas administrava, fazia a administração acadêmica nesse sentido, quer dizer, centralizava todas essas informações e colocava essas informações a... para o conhecimento da Universidade através da edição de catálogos, catálogos do curso de graduação com a fixação de horários e a questão da matrícula. Mas a liberdade era realmente total, não havia nenhuma interferência.

EL: Eu estou aqui na pergunta 23 agora; e com relação ao um papel do corpo discente... nesses processos decisórios?

RMM: Bom, o corpo discente tinha uma participação extremamente pequena, porque... primeiro que formalmente nos órgãos que existiam na Universidade, existia o Conselho Diretor e no Conselho Diretor, naquela época, se eu não me engano, existia apenas 1 ou 2 representantes dos alunos. Os outros órgãos eram órgãos que não estavam formalmente criados ou estruturados. Tinham um funcionamento interno, mas do ponto de vista legal, formal, não tinham muita competência, eram mais condições internas da própria Universidade, mas não havia participação de alunos, nem na Comissão de Ensino. Na Câmara Curricular a partir de um certo momento, tanto quanto me lembro, passou a existir, mas também não tenho mais certeza de quando foi... a partir de quando foi isto e a Comissão de Tempo Integral era uma comissão tipicamente de professores, para avaliação de pesquisas, então se restringia à um ou dois alunos no Conselho Diretor.

EL: O senhor tocou aí na questão do Conselho Diretor, é a minha questão seguinte, sobre as comissões internas do Conselho Diretor: Comissões de Orçamento e Patrimônio, Comissões de Legislação e Normas de Serviço Social, além disso, o Conselho tinha as Câmaras de Ensino e Pesquisa e a Câmara Curricular. No geral qual o grau de autonomia dessas comissões e dessas câmaras?

RMM: Bom, a Câmara Curricular no âmbito da sua competência, realmente tinha autonomia. A gente realmente tinha autonomia para disciplinar e acompanhar todo o processo a nível de ensino de graduação. A Comissão de Legislação e Normas que eu saiba ela nunca funcionou como tal, apenas uma mera formalidade. Emitiam apenas, os membros, pareceres. Eventualmente alguns pareceres prévios em relação a algumas matérias que fossem para o Conselho Diretor e isso mesmo não no início do Conselho Diretor, no Conselho Diretor já dos anos 70 e poucos para adiante, porque no início não existiam essas comissões. Só existia a Câmara Curricular e a Comissão Permanente de Tempo Integral. Eram as duas. Depois veio a Comissão de Ensino e esta efetivamente funcionou até o momento que houve essa cisão, essa briga na Universidade e aí ela perdeu sua importância.

EL: E a Comissão de Orçamento e Patrimônio, também não...

RMM: Não tenho maior registro do que ela tivesse feito.

EL: Professor Rubens, como você consideraria... nesse período, o sentido dado pela Reitoria da Unicamp no processo de alocação de recursos face às hipóteses de privilegiamento ou não de áreas específicas.

RMM: Eu acho que sim. Eu acho que, você administrar alguma coisa, você tem que definir as suas prioridades. E eu acho que essas prioridades existiam definidas na cabeça do reitor. E eu acho que em determinados momentos ele resolvia privilegiar mais tal ou qual setor em função das contingências, uma vez que você não tinha uma repartição prévia dos recursos pelas várias unidades, a única coisa que você sabia é que uma vez que o indivíduo tivesse lá a despesa de custeio estavam garantidas... a folha de pagamento. Você não ia precisar, evidentemente, dispensar ninguém por falta de recurso, mas você nunca sabia quanto você teria disponível ou não para contratar mais ou ampliar determinado serviço. Precisava ser negociado caso a caso com a reitoria. Então em determinados momentos certos setores foram mais privilegiados do que outro. E certas escolhas tiveram que ser feitas: havia uma verba para construir um prédio, que prédio construir? Certo... é isso aí.

EL: O senhor conseguiria identificar essas áreas que... mais ou menos privilegiada?

RMM: Olha, eu acho que foram os Institutos Básicos no início... a Física e foi a Matemática, que tiveram inicialmente todo o prestígio da reitoria, para ampliar as suas atividades e começar a trazer gente de fora. O prédio... o primeiro prédio de caráter definitivo, digamos assim, que houve na Universidade foi o do Instituto de Matemática. Certo, foi o primeiro. Não o atual prédio, aquele prédio antigo da Matemática, aquele compridinho. Aquele foi o primeiro prédio.

EL: Aquele prédio não foi emprestado da Física?

RMM: Não... tchu, tchu [indicação de negação] não, a história não é assim, não.

EL: Ah, então... [risos]

RMM: Não... aquele prédio, negócio é o seguinte, o Zeferino...

EL: ... e todo mundo falava que o pessoal da Matemática estava ali de favor...

RMM: Essa história precisa ser passada no lugar. O negócio não foi assim não. O Zeferino falou com o Cilento, com o Marcelo e comigo e disse “Olha, eu tenho recurso para construir um prédio. Quem primeiro me apresentar um projeto, eu vou fazer o prédio. Então, evidentemente que a gente correu [riso] e apresentou um pré-projeto a ele para construir o prédio da Matemática. Tanto que você veja que aquele prédio, ele é tipicamente um prédio onde você... não tem nenhuma instalação para laboratório, só as salas. Então foi o primeiro prédio e foi da Matemática e foi a escolha dele. Então ele não era um prédio da Física não. Parece-me que anos depois, ficou negociado que a Física ficaria com aquele prédio se construísse um novo prédio para Matemática. Acho que foi isso.

[Pausa]

EL: A pergunta seguinte... supondo que a Unicamp ao ser criada tinha plenamente definido os seus objetivos institucionais em função das necessidades diagnosticadas em suas áreas de atuação. Como você avaliaria os resultados alcançados face ao que foi pensado e o que foi de fato realizado? Os recursos foram devidamente alocados?

RMM: Olha, eu acho que sim. Eu acho que eles foram. Eu acho que a Universidade se desenvolveu muito bem até a saída do Zeferino, começou a colher realmente frutos e a... porque tem todo um tempo de incubação. Depois foi o desastre da reitoria do Plínio e aí uma corrida muito grande com a gestão do Pinotti para recuperar o tempo perdido. Mas eu acho que seria... mesmo você levando em consideração que houve esse período extremamente medíocre na administração da Universidade, eu acho que ela caminhou e cumpriu. Eu acho que o exemplo está aí, o reconhecimento que ela tem a nível internacional hoje.

[Pausa]

EL: Vou recuar um pouquinho e colocar uma... uma observação para o senhor comentar, é sobre... algumas pessoas tem uma idéia de que durante a gestão do Professor Zeferino, ele... hipervalorizou as atividades meio em detrimento das atividades fim, ou seja, que ele conferiu um prestígio demasiado à alguns setores da administração central e isso teria de alguma forma prejudicado a Universidade em relação às suas atividades fins de ensino, pesquisa. Como você comentaria isso?

RMM: Não... eu não sei apenas se... a nível de administração... Se ele esteve sempre cercado das pessoas mais adequadas. Eu acho que em alguns setores eu teria algumas dúvidas, porque seriam pessoas inadequadas eu acho por...

[Pausa e interrupção de fita]

... então retomando aí, eu acho que seriam pessoas inadequadas porque... algumas delas talvez tivessem como maior atributo a... lealdade à reitoria, em detrimento de alguma qualificação profissional mais específica. Acho que precisaria ser um pouco mais profissional, esse tipo de coisa. E eu tenho a impressão que isso acabou imperrando realmente algumas coisas à medida que a Universidade começou a crescer... enquanto ela era pequena não, porque... uma pequena família ali você resolve as coisas de uma maneira muito informal, mas à medida que começou a crescer e realmente complicou, eu acho que... nesse sentido sim... Agora, a reitoria tinha aí o Zeferino. Tinha uma clareza acho que muito grande em relação... as atividades fim da Universidade e não colocaria deliberadamente isto de lado. Acho que houve algumas falhas realmente, algumas pessoas estavam inadequadas. Agora isso também... nesse ponto se deve um pouco a própria personalidade do Zeferino Vaz, porque ele é uma pessoa extremamente leal aos amigos dele. Então eu acho que ele devia encontrar algumas dificuldades para substituir algumas pessoas, por conta disso. Então talvez ele até duplicasse algumas coisas para não ferir... e aos poucos... talvez seja isso.

EL: Professor Rubens, fazendo uma avaliação mais aprofundada da participação dos diversos setores da comunidade universitária... no processo decisório, que é o aspecto que é uma preocupação importante aqui

desse nosso trabalho. Como o senhor avaliaria o papel político dos docentes e também de não docentes, ou de docentes que ocupavam funções administrativas desse processo decisório que definiu os rumos da Universidade. Como o senhor avaliaria isso levando em conta os seguintes aspectos: primeiro, a autonomia versus a dependência em relação ao poder superior; segundo, a visão crítica versus indiferença e terceiro, atitude progressista versus atitude conservadora.

RMM: Veja bem, o único fórum que a gente dispunha na época, na Universidade, era realmente as reuniões do Conselho Diretor. Esse era o único momento em que os vários dirigentes... a cúpula da Universidade podia se encontrar e debater... e debater os problemas e havia sempre alguma coisa mais ou menos imprevisível, porque é lógico, se você está discutindo um determinado assunto: uma contratação ou um convênio, isso acaba dando margem a uma série de manifestações. Eu acho que a medida em que se foi convivendo dentro do Conselho Diretor... determinadas práticas foram sendo definidas, certos caminhos, certas diretrizes saíram dessa convivência, das discussões, às vezes muito violentas até dentro do Conselho Diretor. E no Conselho havia liberdade para que essas coisas viessem à luz, viessem a ser discutidas, e eu não me lembro de que as pessoas se atemorizassem não, e... tivessem algum tipo de medo ou alguma coisa por causa da sua vinculação com a reitoria, sua dependência com a reitoria. Acho que não, neste aspecto acho que eles sabiam que o Zeferino respeitava, embora pudesse divergir até do indivíduo, ele respeitava realmente a opinião, ele não aceitava realmente a deslealdade. Isso era uma coisa que era intolerável para ele. Fora isto, eu disse no início do meu depoimento que eu ia relatar até uma das brigas que tive com ele que foi uma briga extremamente violenta e extremamente interessante porque... o episódio foi o seguinte: nós fazíamos o vestibular e o vestibular para Faculdade de Medicina era conjunto para várias Faculdades de Medicina. Então tinha o sujeito que optava por Campinas, outro que optava por Botucatu, outro pela Escola Paulista de Medicina e houve o caso de um estudante que havia optado por Botucatu e entrou na Unicamp, um que optou por Campinas e entrou em Botucatu, então eles queriam fazer a permuta dessa vaga. Isso veio à Câmara Curricular e eu fui contra. Disse que não pode haver permuta porque você não trata uma coisa particular e se o sujeito quiser desistir da Unicamp, ele desiste e a gente chama o seguinte da lista de

classificação, porque na medida que se permite uma permuta, a gente eventualmente poderá estar permitindo que outros procedimentos não acadêmicos entrem aí no processo. O sujeito pode querer permutar a vaga a troco de uma vantagem pessoal, então sou contra... consta no edital se o sujeito quiser entra, se não ele desiste e a gente chama o seguinte da lista de convocação do Vestibular. E eu não sei como esse caso foi parar no Zeferino. O pai de um desses alunos foi procurar o Zeferino e conseguiu convencê-lo de que isso era uma coisa justa porque os dois seriam beneficiados e o Zeferino veio falar comigo. Eu disse: “Olha Dr. Zeferino, não está certo, eu não posso concordar. Está certo que os dois são beneficiados mas eventualmente são outros prejudicados com isto. Porque o sujeito que entrou aqui, o outro entrou lá, inclusive estão em posições de classificação completamente diversas. É muito complexo isso e eu sou contra e não dá para fazer isso e a Câmara Curricular já decidiu que não pode.” “Então eu quero ir à Câmara Curricular expor os meus motivos... para ver se eu convenço a Câmara”. Eu disse: “Pois não, será um prazer”. Convoquei a reunião e ele foi à Câmara Curricular para expor os motivos dele e a reunião, evidentemente, ficou muito acalorada, ficou...

FITA 2: LADO B

RMM: ...ele de um lado da mesa, eu do outro... dando murro na mesa, berrando, porque realmente a altos brados. Eu me lembro que eu disse para ele: “Não, o senhor está errado”; eu disse: “Mas eu estou errado porquê?” “O senhor está errado porque o senhor é reitor dessa Universidade e não tem que estar aqui pressionando a Câmara Curricular, que é um órgão técnico e já analisou o problema e já tomou a sua decisão. Então o senhor está errado em estar aqui, fazendo pressão em cima da Câmara.” Ele levantou, disse: “É, você está certo. Vou-me embora”, levantou e foi embora e realmente nós não fizemos a permuta na Universidade. Mas isto foi uma discussão realmente muito complicada, mas ele se curvava a esse tipo de

coisa. Ele não aceitava deslealdade, então as pessoas tinham uma certa segurança em poder discutir, divergir. Não é porque você está divergindo que o sujeito é o chefe e vai te mandar embora. Não é bem esse modelo. Ele tinha isso muito claro e eu acho que ele tinha uma compreensão também, muito nítida, de que o cientista, especialmente o pessoal da área biomédica... gente que ele... sente que é muito complicado um modelo de decisão porque a cabeça dessas pessoas está ligada no laboratório, o sujeito não está preocupado com detalhes de administração. Então, via de regra, criam problemas e dificuldades porque querem ver as suas coisas resolvidas rapidamente. Então precisa de uma dose de tolerância, de paciência muito grande. Quantas e quantas vezes eu vim a discutir, brigar com o Lates, por exemplo, e o Lates saía louco da vida lá da Reitoria e depois acertava as coisas e ele dava um tempo para o indivíduo cair em si... indivíduo mais experiente, mais maduro. Então eu acho que havia liberdade para isso, o Conselho Diretor foi o grande fórum para isso, eu acho que foi lá, somando experiências de cada um de nós, um pouquinho de cada um, que as coisas foram definitivamente traçadas. Os grandes momentos da Universidade foram vividos realmente ali dentro.

EL: E em relação a... aos docentes da Universidade quanto à visão crítica versus indiferença. Acha que... de um modo geral, o corpo docente da Unicamp era crítico ou era... indiferente?

RMM: Não, acho que não era não. Eu acho que a participação, não havia nada mais organizado. Acho que não... não havia um mecanismo para a participação das pessoas.

EL: Mas... vendo por um outro lado, você considerava que o conjunto de docentes da Universidade tinha... uma manifestação qualquer mesmo ao nível do conselho diretor, eles tinham visão crítica? Ou eram pessoas que não... não tinham uma preocupação maior com relação à Universidade?

RMM: Não. Eu acho que tinham preocupação com a Universidade. Inclusive porque acho que dava para eles entenderem um pouco mais da Universidade, inclusive porque ela era menor e as coisas ficavam mais transparentes. Eles tinham nesse sentido, sim. Eles não eram indiferentes. Agora, eles não tinham

mecanismos, não tinham órgãos aonde eles pudessem ter voz de participação. Você tinha apenas estruturado realmente um órgão de cúpula, você não tinha por exemplo ao nível dos Institutos e das Faculdades, as Congregações. Isso não existia. Os Conselhos Departamentais não estavam ainda estruturados, então não havia um fórum neste nível. Você tinha um fórum num nível mais alto dentro da Universidade com a participação de elementos de todas as instituições, mas não o outro.

EL: E em relação a essa atitude progressista versus atitude conservadora por parte do corpo docente.

RMM: Não, eu acho que o pessoal... não ponho progressista ou conservador, mas eu acho que inovadora. Quer dizer, no sentido realmente de não estar apegado às coisas tradicionais; quer dizer, nós não vamos fazer isso simplesmente porque isso é o que está sendo feito, acho que a gente precisa pensar um pouco se é isso mesmo que tem que ser feito... acho que essa postura existiu.

EL: Professor Rubens, faz parte da sua visão crítica da política Universitária a existência de classes dentro da Universidade, dentro da Unicamp nesse período?

RMM: Classes?

EL: Quer dizer, se... eu estou lhe perguntando se faz parte da sua visão... Caso a sua resposta seja positiva eu gostaria que o senhor explicitasse quais os seus critérios de diferenciação entre classes.

RMM: Eu não sei se...

EL: Porque algumas pessoas enxergam que dentro da Universidade... existe uma reprodução da divisão de classes que existe dentro da Sociedade. Outros não vêem assim, mas vêem que o corpo docente, internamente, ele tem uma diferenciação em função de nível, de... na carreira e que por sua vez o corpo docente tem uma postura em relação ao corpo discente, em relação aos funcionários...

R: Eu acho, veja bem... em primeiro lugar, a despeito de se ter mudado inicialmente a estrutura, de não ter mais a cátedra, passar a ser departamento, essas coisas não se muda na cabeça das pessoas do dia para noite. Então grande parte das pessoas que já vinham de outras Universidades continuam com a postura de ser o professor catedrático, o professor titular. Então o indivíduo que não tem doutoramento, então, é um zero a esquerda. Então começa a pensar ou a cogitar no indivíduo quando ele pelo menos tem alguma qualificação Universitária. Isto existia e continua existindo eu não sei se hoje, até que ponto, isso hoje em dia está tão nítido, mas existia sem dúvida. Como também por parte do corpo docente a postura era de que o funcionário é para servir para o professor. Então, é... uma coisa, quer dizer, não enxergando o funcionário como um indivíduo que participa efetivamente da construção da Universidade, que vai dar uma contribuição significativa para aquele negócio ir para frente, mas achando que o funcionário é realmente um... uma posição, assim, de servidão para estar atendendo ao corpo docente. Isso também continuou existindo, acredito que exista em parte até hoje. E em relação aos funcionários então, a situação era muito pior porque eles não tinham nenhum fórum, nenhuma participação. Na época em que se discutia a Reforma Universitária, em que se fez... fizemos algumas reuniões sobre as condições paritárias que se discutia na época, se discutia questões paritárias, estabelecendo fóruns. Foram estabelecidos alguns debates e eu me lembro - eu estava até coordenando esses debates - me lembro até que uma dessas pessoas eu até convidei para vir falar aqui - foi o Paulo Singer - vir discutir, debater uma reunião muito ampla com professor, com funcionário, com aluno. Mas não se encaminhou nada, nada, nada além disso. Ficou apenas naquela reunião.

EL: Como você via a questão da autoridade e da hierarquia dentro da Unicamp.

RMM: Bom... em função desse modelo centralizador que tudo estava... dependente da reitoria, realmente... o sentido hierárquico era muito forte. Quer dizer, todo mundo sabia que tudo dependia da reitoria, logo não digo que as pessoas tivessem medo, mas... talvez se sentissem meio constrangidas. Isso é até aparentemente contraditório com o que eu falei agora à pouco, mas num outro nível, não nesse nível de discussão intelectual. Ao nível do dia-a-dia, da participação, talvez as pessoas ficassem um pouco... elas não tinham

muito claro qual era o limite da sua atribuição, até onde o sujeito podia ir, ou ele não podia ir. E também não sei até que ponto interessava que isso ficasse claro, então...

EL: Quer dizer, a estrutura burocrática não era clara para as pessoas...

RMM: Não, não era absolutamente clara. E essa falta de clareza evidentemente não era uma falta de clareza por falta de inteligência das pessoas, eu suponho. Então ela... me parece que era realmente uma estratégia... operacional, você entendeu? Mas... e isso evidentemente gera um certo tipo de segurança também. Você saber até onde vai a sua liberdade, as suas atribuições especificamente. Então, você pode avançar.

EL: Vamos... bem rápido [risos] faltam só mais duas questões. A penúltima questão é a seguinte: Qual a sua visão a respeito do papel do intelectual universitário na academia e na sociedade?

RMM: Em primeiro lugar eu acho que não se distingue muito. Eu acho que o intelectual ele realmente... o papel dele é de contribuir para você construir uma sociedade mais justa, com critérios aí que sejam definidos a partir de uma ampla discussão e participação; não sejam critérios estabelecidos intra-muros: o que que a gente acha que deve ser melhor para quem, mas deve ser um processo bem mais democrático. E eu acho que a Universidade nesse sentido tem um papel extremamente importante, desde o nível da... se aluno que ingressa de tentar mostrar... qual é essa ética. De transmitir isso ao estudante. Grande parte desses estudantes simplesmente se ingressaram no mercado de trabalho e não terão participação do ponto de vista intelectual maior, mas uma parcela seguramente vai voltar à Universidade, vai ter... então eu acho que essa ética, essa postura, deve ser transmitida pela Universidade e para isso também a Universidade precisa estar mais ou menos sintonizada com o mundo aí fora. Ela não pode se encastelar sob pena de estar fazendo um modelo alienado, precisa conhecer essa realidade.

EL: Então professor, para finalizar, eu queria que o senhor fizesse uma avaliação nesse período de implantação da Unicamp a respeito do ingresso de recursos financeiros, observando os recursos próprios e os recursos externos. Ou seja, a Universidade tinha os chamados recursos próprios, que são os recursos do

orçamento do Estado, e tinha os recursos extraorçamentários, obtidos através de convênios e de projetos de pesquisa. O senhor consegue ter uma avaliação sobre isso, o que foi mais importante...

RMM: Olha, eu até me lembro que eu me afastei da Universidade... o grande aporte de recursos era o orçamentário realmente. Eram poucos os convênios, a Universidade estava começando a prestar serviços, participar de outros projetos que trouxessem recursos extraorçamentários. Então eu não tenho, efetivamente, um elemento de comparação. Parece-me que de 75 para cá é que essas coisas aumentaram muito. Até 1975, realmente ela foi sustentada exclusivamente pelo... quase que exclusivamente pelo Governo do Estado. Muito poucos recursos foram conseguidos fora para se fazer alguma coisa.

EL: Ok professor. São seis e trinta e cinco, nós estamos concluindo a nossa entrevista e eu gostaria de agradecer em nome... em meu nome pessoal, em nome do Professor Ataliba de Castilho, Coordenador do CIDIC, pela sua gentileza de prestar esse depoimento, e de que... esse material deverá compor o arquivo histórico da Universidade, vai estar no Arquivo Central e... a gente... enfatizo aquela solicitação que veio por escrito, de qualquer material que o senhor tiver... que possa ceder para o arquivo, será muito importante para a história da Universidade... deixo então o microfone aberto para se o senhor quiser fazer algum comentário de encerramento.

RMM: É, eu quero sim. Eu quero sim, agradecer aí à você, Eloi, essa oportunidade da gente conversar um pouco. Evidentemente uma conversa informal e um pouco desorganizada na minha cabeça porque essa coisa de muitos e muitos anos atrás, em que a gente não assim... sem ter tido previamente conhecimento do que você ia perguntar, não houve muito tempo para organizar um pouco as coisas aqui mentalmente. Mas eu acho que é importante a gente ressaltar o seguinte: eu acho que a experiência da Universidade de Campinas foi uma experiência... vitoriosa, eu acho. Eu acho que isso se deve sem dúvida nenhuma ao esforço do Zeferino, esse esforço inicial. Claro que muita gente contribuiu para isso depois, mas eu acho que... é aquele negócio, se não tivesse começado bem, eu acho que não ia... "pau que nasce torto morre torto"... mas eu acho que se não tivesse começado bem não ia para frente. Houve percalços, houve dificuldade, houve problema, o

que é natural, mas eu acho que essas coisas foram superadas. Eu acho que a gente contribuiu... eticamente. Eu acho que dentro desse processo, num momento político muito delicado, muito difícil. A Universidade serviu de guarida para um conjunto de professores, um conjunto de intelectuais que não teria tido oportunidade fora dela, e só isso... e isso feito com a responsabilidade pessoal e integral do Zeferino Vaz, isso já é objeto da nossa gratidão. Eu acho que isso foi um fato extremamente marcante e que fez com que a Universidade fosse respeitada. Uma Universidade que começou com toda a incredulidade de ser feita no meio do mato, no interior, sem recursos, ela foi indo, foi indo, caminhou e hoje realmente se destaca no cenário nacional e internacional. Eu acho que isso se deve a essas pessoas, que... que batalharam aí. A gestão do Zeferino, a gestão do Pinotti, agora o Paulo Renato continuando isto. Eu acho que a gente deixa alguma coisa aí. Eu hoje disse a você, um pouco antes de começar, que eu ontem completei trinta anos de... serviço público de Universidade. Quer dizer, a partir de amanhã já posso requerer a minha aposentadoria. Então, coincidentemente, é uma conversa até num momento que é um marco também para mim, eu me coloco à disposição. Eu vou verificar o que eu tenho aqui dos meus arquivos que possam ser de interesse para a Universidade, com imenso prazer eu faço essa doação para vocês e me coloco à disposição se a qualquer momento precisar complementar ou esclarecer alguma coisa, você possa me procurar quando quiser.

EL: Ok. Muito obrigado, então.